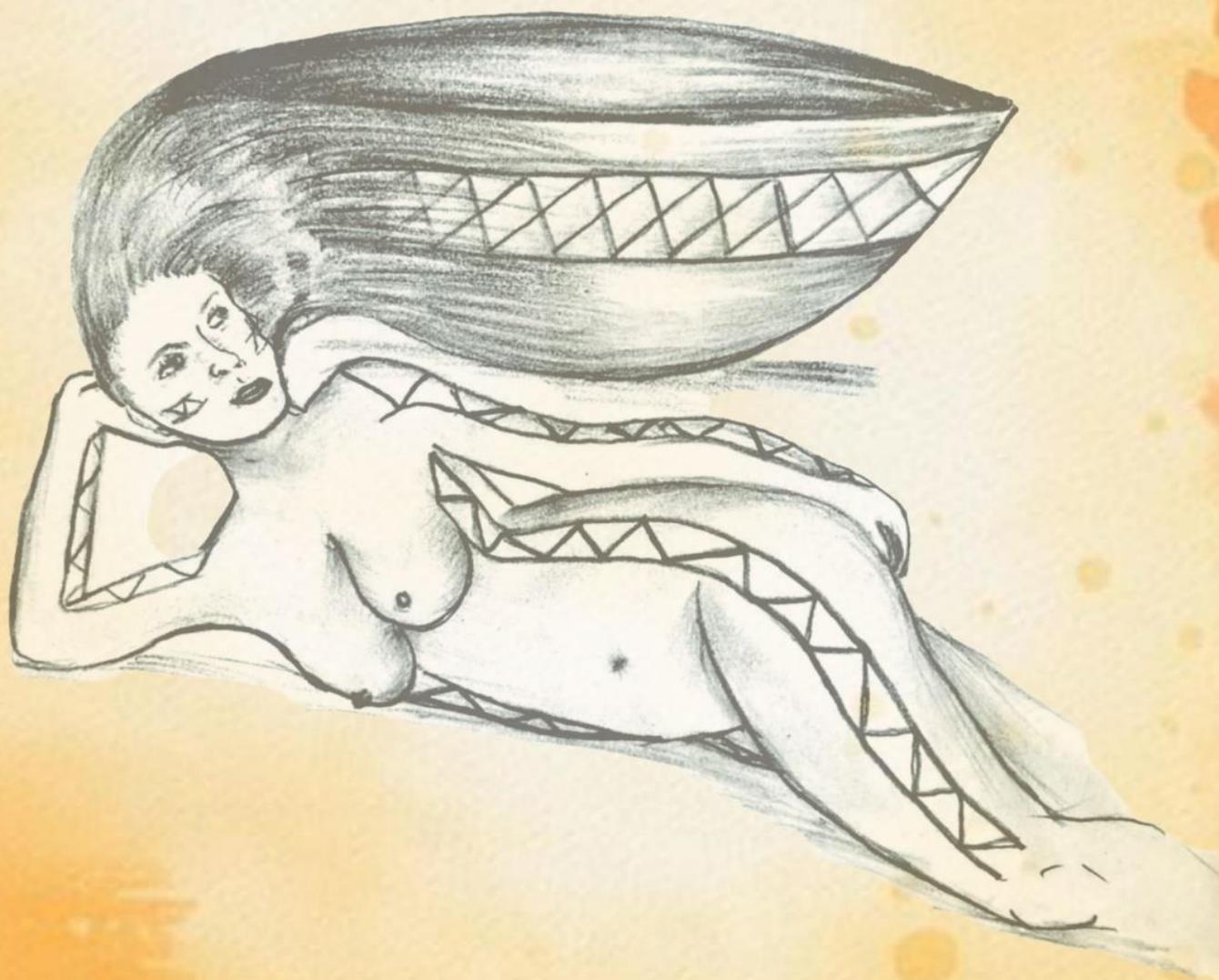


*Gildo Firmino Nunes*  
*Ramiro Esdras Carneiro Batista*  
*Elson Forte Galiby*  
*Daniel da Silva Miranda*  
(Orgs.)

# MANUSCRITOS DE KOKO TAVI

**HISTÓRIAS & MEMÓRIAS DOS GALIBI MARWORNO  
NO RIO UAÇÁ**





*Gildo Firmino Nunes*

*Ramiro Esdras Carneiro Batista*

*Elson Forte Galiby*

*Daniel da Silva Miranda*

*(Organizadores)*

## **MANUSCRITOS DE KOKO TAVI**

**HISTÓRIAS & MEMÓRIAS DOS GALIBI MARWORNO NO RIO UAÇÁ**

**1ª Edição**

**Vol. I**



Editora da Universidade Federal do  
Amapá [www2.unifap.br/editora](http://www2.unifap.br/editora)  
E-mail: [editora@unifap.br](mailto:editora@unifap.br)  
Endereço: Rodovia Juscelino Kubitschek, Km 2,  
s/n, Universidade, Campus Marco Zero do  
Equador, Macapá-AP, CEP: 68.903-419





Copyright © 2025, organizadores

**Reitor:** Prof. Dr. Júlio César Sá de Oliveira  
**Vice-Reitora:** Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Ana Cristina de Paula Maués Soares  
**Pró-Reitor de Administração:** Me. Seloniel Barroso dos Reis  
**Pró-Reitor de Gestão de Pessoas:** Ma. Emanuelle Silva Barbosa  
**Pró-Reitor de Ensino de Graduação:** Prof. Dr. Christiano Ricardo dos Santos  
**Pró-Reitor de Planejamento:** Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Simone de Almeida Delphim Leal  
**Pró-Reitora de Pesquisa e Pós-Graduação:** Prof. Dr. Carlos Eduardo Costa de Campos  
**Pró-Reitor de Extensão e Ações Comunitárias:** Prof. Msc. Steve Wanderson Calheiros  
**Diretor & Editor-chefe da Editora da Universidade Federal do Amapá:**  
Prof. Dr. Fábio Wosniak

**Conselho Editorial:** Fabio Wosniak, Aldrin Vianna de Santana, Alisson Vieira Costa, Alan Ubaiara Brito, David Junior de Souza Silva, Daniel Batista Lima Borges, Eliane Leal Vasquez, Frederico de Carvalho Ferreira, Ivan Carlo Andrade de Oliveira, Inara Mariela da Silva Cavalcante, Marcus André de Souza Cardoso da Silva, Marcos Paulo Torres Pereira, Rosivaldo Gomes, Romualdo Rodrigues Palhano, Victor André Pinheiro Cantuário.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)  
Biblioteca Central/UNIFAP-Macapá-AP  
Elaborada por Maria do Carmo Lima Marques – CRB-2/989

---

M294m

Manuscritos de Koko Tavi Histórias & Memórias dos Galibi Marworno no Rio Uaçá, 1.ed./ Organizadores: Gildo Firmino Nunes, Ramiro Esdras Carneiro Batista, Elson Forte Galiby, Daniel da Silva Miranda. Macapá: UNIFAP, 2025.

81 p.:il.

1 Recurso eletrônico [E-book]. 177p.

ISBN: 978-85-5476-098-4

Modo de acesso: World Wide Web.

Formato de arquivo: Portable Document Format (PDF).

1. Galibi Marworno .2. Cultura indígena brasileira. 3. Etnografia amazônica. 4. Amapá – povos indígenas. 5. Região do rio Uaçá (AP) .I. Nunes, Gildo Firmino, organizador.II. Batista, Ramiro Esdras Carneiro, organizador.III. Galiby, Elson Forte, organizador .IV. Miranda ,Daniel da Silva, organizador V. Universidade Federal do Amapá. VI. Título.

CDD 23. ed. – 305.89981

---





*Cara população,*

*Este é um livro que vocês [devem] usar muitas e muitas vezes  
em seus estudos de tradição. [É nossa] cultura de Ontem, e  
de Hoje, mostrada em palavras portuguesas,*

*Koko Tavi*



## Sumário

Apresentação .....	7
Escrever e Curar as Feridas: minha vida e a de meu avô Koko Tavi .....	8
Guerras Mundiais em Versão Galibi-Marworno: da arte de escutar os mortos com os olhos .....	11
Fragmento de autobiografia do Muchê Koko Tavi / Senhor Manoel Firmino .....	19
Manuscritos .....	22
Introdução do Autor .....	23
I - 1911 — Etnia dos Indígenas Galibi Marworno .....	25
II - 1912 — Nome do Rio Uaçá .....	27
III- 1913 — Vilarejo dos Índios Galibi Marworno .....	28
IV- 1914 — 1ª Guerra Mundial no Brasil .....	30
V- 1922 — Parou a 1ª Guerra Mundial no Brasil.....	31
VI- 1923 — Os Índios Galibi Marworno Começ[aram a] Escolher [um] Lugar .....	32
VII- 1925 — Os Indígenas Começ[aram] Com as Danças: Turé e Festas Religios[as].	33
VIII- 1927 — Entradas dos Negros .....	35
IX- 1928 — Quem Eram [os] Guerreiros .....	37
X- URUSSÚ: Homem Guerreiro.....	39
XI- 1932 — 2ª Guerra Mundial .....	43
XII- 1940 — Acabou a 2ª Guerra.....	48
XIII- 1941 — Fundou Ilha do Posso .....	50
XIV- 1944 — Fundação Nacional do Índios — SPI.....	51
XV- 1952 — A 2º Chefia — SPI .....	61
XVI- 1955 — A Festa de Santa Maria .....	65
XVII- [Ilegível] – 1º Fazenda do SPI na Comunidade Indígena .....	67





XVIII- 1965 – Professor espei[ilegível] do 3º Chefiás.....	68
XIX- 1966 – Mudou a Lei e Acabou as Cadeias .....	69
Posfácio.....	73
Porque a Guerra dos Parnã Não Tem Fim? .....	74
Referências .....	79





# *Apresentação*





***Escrever e Curar as Feridas:  
minha vida e a de meu avô Koko Tavi***

*Eu sou Gildo Firmino Nunes, um Galibi Marworno nascido em 07 de junho de 1989, na margem do alto rio Uaçá, na comunidade de Kumarumã. Sou filho de Dervaldo Nunes e Gercina Narciso, mas fui criado pelos meus avós. Fui tomado como filho por meus avós desde pequeno. Por ter sido criado por eles e ter muita amizade eu quero muito contar a história dele, o meu avô, o muchê Koko Tavi, que é conhecido em português como o senhor Manoel Firmino. É uma história de muito trabalho, de muito cuidado com a família e a comunidade e no final, uma história que alguém pode achar triste. Esse é o ponto. Essa história me faz ter uma revolta dentro de mim, por isso eu quero contá-la.*

*No ano de 2008, quando eu tinha 19 anos de idade, tive de ir embora do Kumarumã com meu avô e minha avó, para morarmos na cidade de Oiapoque. Nós não fomos embora por vontade de meus avós, mas por causa de uma briga que aconteceu entre o meu povo. Foi lá na cidade de Oiapoque onde alguns anos depois consegui concluir o ensino médio, na Escola Estadual Joaquim Nabuco. No ano de 2013 eu voltei para a escola Joaquim Nabuco determinado a terminar meus estudos. Depois de dois anos de estudo, em 2014, consegui terminar o ensino médio.*

*Fiquei mais alguns anos sem estudar até que em 2019 consegui aprovação no vestibular indígena da Universidade Federal do Amapá, no Campus Binacional de Oiapoque. Ali iniciei meu curso superior em Licenciatura Intercultural Indígena. Desde as primeiras aulas eu fiquei com a ideia na cabeça de contar a história do meu avô nos meus trabalhos de universidade, até que um dia, eu e meu primo, Elson Galiby fomos falar com o professor Ramiro, um parnãnzão da universidade. Esse professor depois foi estudar fora, mas desde esse tempo nós continuamos com a ideia do livro de meu avô, o muchê Koko Tavi, porque eu preciso registrar essas histórias em português.*

*O meu avô deixou muitas histórias gravadas na minha memória e também deixou muitas histórias registradas nos papéis, cartas, fotos e registros dos trabalhos dele. Por isso eu acho que a minha ideia é a mesma dele, de contar as histórias do nosso povo Galibi Marworno, do passado e do presente. Meu avô Koko Tavi dedicou toda a vida dele aos trabalhos de desenvolvimentos dos indígenas do território Uaçá, mas no final da vida ele foi expulso da aldeia pelo seu próprio povo. Foi por isso que nós viemos*



*morar no Oiapoque. Meu avô não veio embora porque quis, mas porque a inveja e a confusão não deixou que ele pudesse terminar sua vida no lugar onde gostava.*

*Isso fez de mim uma pessoa muito revoltada.*

*Eu nunca aceitei isso e já briguei muito por causa disso.*

*Meu avô era uma pessoa que cuidava da educação e da saúde de seu povo. O pessoal do SPI achava que ele era auxiliar de enfermagem, mas na verdade meu avô era o curador do Kumarumã. Ele quem conhecia nossa medicina tradicional. Todos o procuravam porque ele conhecia as raízes certas para cada uma das doenças dos indígenas. Além disso, ele também sabia como usar os remédios dos brancos do posto de saúde, porque ele foi em Belém estudar para isso. Com toda a vida dedicada a nossa saúde, no final meu avô foi culpado por uma doença que surgiu na aldeia. Uma doença que deixava as moças doidas, esquecidas, violentas, falando coisas que ninguém entendia. Essa foi uma época muito ruim no Kumarumã porque ninguém dormia direito. Tinham que ficar acordados vigiando as moças para que elas não corressem e se machucassem. Aquilo era uma doença espiritual e ninguém sabia como fazer passar. Por ser o enfermeiro e curador da comunidade ele foi culpado pela doença das moças, então meu avô Koko Tavi foi culpado pelo que estava acontecendo.*

*A nossa própria população deu porrada em meu avô, bateram com um pau em meu avô e depois botaram fogo na nossa casa. Não fomos queimados vivos porque algumas pessoas ajudaram a gente a fugir. Por isso nós fomos embora do Kumarumã para a cidade, somente com a roupa de nosso corpo. Os nossos parentes da Guiana Francesa nos ajudaram a conseguir uma nova vida em Oiapoque. Eu nunca voltei na aldeia e tenho muita raiva dos parentes que fizeram isso com o meu avô Koko Tavi. Ele foi um homem bom, que sempre quis o desenvolvimento do seu povo e não tinha culpa da doença que apareceu nas moças. Essa injustiça eu nunca esqueço. Tenho muita raiva e muito trauma. Nunca mais voltei na minha terra.*

*Então eu quero contar às histórias que o meu avô Koko Tavi deixou registradas para mim no papel. Ele morreu na cidade do Oiapoque sem nunca voltar na aldeia. Morreu sempre cuidando de seus cadernos e livros, onde ele anotava muitas coisas importantes da época do SPI/FUNAI e da história dos Galibi no Uaçá. Hoje eu tenho minha família e meu estudo aqui no Oiapoque, mas nunca fiquei esquecido da minha revolta.*



*Escrevo para curar essas feridas de revolta e espero que todos entendam a minha necessidade de registrar as histórias de meu avô. Um dia eu quero voltar na minha aldeia e esquecer essa revolta.*

*Gildo Firmino Nunes*





## ***Guerras Mundiais em versão Galibi Marworno: da arte de escutar os mortos com os olhos<sup>1</sup>***

*Escutar os mortos com os olhos. Várias sombras passaram nas minhas palavras, lembrando por essa presença a tristeza que nos dá sua ausência.*

(CHARTIER, 2010, p. 29)

*Caríssima leitora e caríssimo leitor, esta obra é antes de tudo, um compromisso, um convite à divulgação e partilha do conhecimento encontrado entre as folhas soltas e os arquivos pessoais produzidos por um escritor indígena chamado Koko Tavi, notória liderança indígena do alto rio Uaçá, no norte do Amapá. Homem cuja a vida, produção mnemônica e literária se relacionam com diferentes eventos do século XX. No presente, quando estas letras se espriam pelo desenho plano destas páginas, Koko Tavi já não mais divide conosco os raios do sol, como um dia o fizera. Tavi é agora parte das maretas, os “dentes de água” do rio Uaçá. Gostamos de pensar que ele repousa nos ventos e ecoa nos cantos dos pássaros de seu território ancestral. Desse modo, o encontro com os manuscritos do muchê<sup>2</sup> Koko Tavi emociona, inspira e faz com que brancos lusófonos busquem meios para traduzir esse encontro. E assim, os nossos referenciais revelam sua face cartesiana e caminham em direção ao que nos é conhecido, tangível e inspiram a pensar na prática de análise textual como proposta por Roger Chartier, ilustrada em expressão emprestada de Francisco de Quevedo (1995), como um exercício de “escutar os mortos com os olhos” (CHARTIER, 2010, p. 29) e por nós entendida como a responsabilidade sensível de lidar com o legado escrito por aqueles que não mais se encontram entre os vivos.*

*Em que pese o contraste existente entre a realidade literária que foi interesse desse historiador e a que aqui nos dedicamos, ressaltamos que recorreremos à sua contribuição em razão de dois pontos, que nos parecem significativos. No primeiro ponto, esclarecemos que a proposta de Chartier nos insta a refletir acerca das diferentes*

---

<sup>1</sup> Versão adaptada do artigo “Memórias de Koko Tavi: Apontamentos Sobre Saúde, Colonização Religiosa e Sofrimento Mental Entre o Povo Galibi Marworno” (2022), publicado na Revista Relegens Thréskeia.

<sup>2</sup> Termo regional emprestado do Kheuól (língua afro-indígena do Baixo Oiapoque), que significa literalmente “senhor”, guardando, da perspectiva indígena, o sentido de uma etiqueta de tratamento digna e respeitosa. Da perspectiva de parte da população não indígena no município de Oiapoque, (muchê para homens e muchêzinha para mulheres), trata-se de designações racistas e pejorativas, apontadas para referir pessoas indígenas de diferentes povos.





*nuances que envolvem a autoridade sobre a cultura escrita<sup>3</sup>, propiciando-nos o preciso destaque ao o que representa o processo de apropriação da cultura de códigos gráficos lusófonos – a chamada cultura letrada brasileira – empreendida por uma pessoa indígena que, em tal condição, esteve historicamente coagida a ocupar posições e funções sociais que a marginalizaram ou que não proporcionaram às suas próprias formas de comunicação uma relação simétrica.*

*Por tais fins, podemos inferir que a tomada dos códigos gráficos lusófonos feita por Koko Tavi, surge como uma tática de resistência, um brado escrito, que a partir de sua ação dispõe agora, mesmo após o falecimento do autor, de um potencial para promover uma certa subversão. Entenda-se que esta subversão não é instantânea, não está pronta, não é óbvia ou está acabada, mas é uma subversão a ser conquistada conforme os seus escritos, os seus relatos e as suas experiências ingressarem em espaços outrora inacessíveis. E isso nos conduz ao segundo ponto inspirativo, aflorado diante do encontro com os saberes e narrares do Senhor Tavi e a exigência de aplicar-lhe um olhar atento para a experiência registrada em seus manuscritos, identificando aspectos sincrônicos particulares de sua elaboração, na busca por garantir o ressoar de sons e afinidades com experiências outras, na intenção de propiciar reflexões diacrônicas a partir de seu relato, o que é, para Chartier, “escutar com os olhos”.*

*Se é fato que não há como tratar o achado das memórias de Koko Tavi apartado de seu caráter peculiar, contudo, faz-se necessário ressaltar que tais representações escritas na língua do colonizador não se constituem inéditas na América indígena e, na verdade, este acervo se soma a um conjunto literário importante, pois como argumenta Eduardo Santos (2007), muitas pessoas, sobretudo aquelas que descendem das lideranças e elites indígenas, historicamente “[u]tilizaram a escrita alfabética de maneira relativamente autônoma [das instituições coloniais] para produzir textos próprios ou para transcrever antigos relatos e registros nativos” (SANTOS, 2007, p. 02). A esse respeito, nossa busca por experiências afins guiou-nos à obra de Mary Louise Pratt, “Os Olhos do Império” (1999), que apresenta, entre outros assuntos, o modelo explicativo das zonas de contato, apresentando-o como espaços sociais simbólicos marcados pelo confronto, atrito e embate entre as culturas, sobretudo aquelas marcadas*

---

<sup>3</sup> Diz o estudioso sobre a necessidade de “[...] estudar como historiador os enfrentamentos entre o poder estabelecido pelos poderosos sobre a escrita e o poder que sua aquisição confere aos mais fracos [...]” (CHARTIER, 2010, p. 23)



*pelo descompasso abissal nas relações de poder, como no caso da carta de Guaman Poma de Ayala (PRATT, 1999, p. 27).*

*Porém, a potência dialógica encontrada nos escritos de Mary Louise Pratt, não se encerra apenas na possibilidade de dar nome ao evento situacional que faz aflorar as diferenças, mas alcança também a observação de ações subversivas empreendidas por sujeitos em condição de desvantagem em meio a tais relações, ao que a autora compreende como um produto artístico, artes criadas na e pela zona de contato, produções construídas nesse contexto e elaboradas pela subversão de produtos da cultura dominante em favor da causa subalternizada, construídas pela apropriação seletiva e adaptativa das peças do repertório representacional hegemônico como ferramenta de combate pelas vias representacionais (PRATT, 1991, p. 36).*

*Isto posto, pontuamos que as letras produzidas e demarcadas pelo autor Marworno são por nós consideradas como artes produzidas em zona de contato, como fontes históricas-mnemônicas nativas ou, em outros termos, como a perspectiva efetivamente indígena (BELTRÃO; LOPES, 2017), no imaginar, no mediar e traduzir para a nossa cultura e transpor ao papel outras histórias, ou histórias-outras. Vale dizer também que dentre o consolidado de documentos pessoais, recibos, fotos e papéis soltos que chegaram a nossas mãos por meio da família do autor – em plena pandemia do SARS-COVID – constavam os dois cadernos manuscritos que Koko Tavi denominou a “História dos Galibi Marworno do Rio Uaçá: no passado de ontem – no presente de hoje” que, acreditamos, após transcrição, consolida-se como o legado desse homem-memória pronto a alcançar novos lugares e diferentes possibilidades de leitura.*

*A obra reúne apenas uma porção do conjunto de fontes e saberes de Koko Tavi. Intuímos que há muito a ser conhecido, quando permitido e consentido por seus familiares. Pelo o que depreendemos das conversas junto aos parentes do falecido escritor/memorialista, o restante do conjunto documental é formado por arquivos cuidadosamente (re)construídos na última fase de vida do muchê Tavi, (Manoel Firmino), atitude necessária pois grande parte de seu patrimônio e arquivos pessoais foram perdidos em um incêndio doloso, provocado em sua antiga casa, na aldeia Kumarumã (Terra Indígena Uaçá), em um evento que resultou de uma suposta troca de agressões xamânicas, das quais o nosso autor foi acusado como o causador.*

*No que diz respeito a tais cadernos manuscritos, estes denotam um ensaio autobiográfico realizado por um indígena e que parecem convidar a História, enquanto epistemologia referendada pela cultura letrada ocidental para o escrutínio do passado,*



a curvar-se ante “[a]s exigências da memória, necessárias para curar as infinitas feridas (...) ao mesmo tempo, [em que] reafirma [sua] especificidade [como] regime de conhecimento” (CHARTIER, 2010, p. 11). Ainda sob nossa perspectiva, o texto que se apresenta deve ser notado como uma obra compulsada ao longo de uma vida e que busca preencher uma infinidade de eventos ocorridos no breve século XX que, igualmente, pode remeter à tensão existente entre a História Indígena proposta nos próprios termos (BELTRÃO; LOPES, 2017) e a História do Indigenismo, como referendada pela literatura antropológica (PACHECO DE OLIVEIRA, 2016) e abordada ao longo da tese “De Colonialismos e Memórias Sitiadas: história, antropofagia e tecnologia bélica nas guerras guianenses” (BATISTA, 2023).

Tornando a falar sobre o trato documental, ele demonstrou que os registros originais acompanharam a trajetória de seu autor, experimentando mudanças de estilo e grafia, o que nos parece falar também sobre o nível de intimidade do escritor com a língua portuguesa, na mesma medida em que alguns cacoetes e vocábulos<sup>4</sup> que se repetem, denunciam uma construção textual de alguém familiarizado com os registros e relatórios tão próprios aos servidores do Serviço de Proteção ao Índio (SPI) e Fundação Nacional do Índio (FUNAI) da época. Eis aí, novamente, a face de uma arte em zona de contato, ressaltando um complexo e ambíguo diálogo, mediado entre as culturas indígena e indigenista.

E eis que entre tais achados documentais emerge um registro autobiográfico do Senhor Tavi, que abriga algum sentido para a cisão entre ele e seu povo, desenrolado em um episódio ocorrido na comunidade de Kumarumã (Terra Indígena Uaçá / Oiapoque / Brasil), quando aquele lugar esteve envolvido em uma modalidade de distúrbio comportamental de fundo psíquico, experimentada especificamente por seus jovens, assim, importa saber como os saberes indígenas interpretam essa anomalia, descrita pelo autor como um tipo de “doença dos nervos”<sup>5</sup>. A menção sobre a dita patologia é importante para a compreensão do manuscrito indígena. Isso porque, em vida, Koko Tavi acabou sendo culpado pelo fenômeno que acometia as pessoas jovens entre o seu povo, visto ser ele um reconhecido curador que não pôde lidar com o distúrbio. Aparentemente,

---

<sup>4</sup> Por cacoetes e linguagem própria ao indigenismo militarizado nos referimos a termos como “população”, frequentemente repetido nos manuscritos de Koko Tavi, além de seu hábito em marcar seus arquivos com carimbo e CPF próprio.

<sup>5</sup> Terminologia usada no presente para referir o fenômeno ou “doença” que se manifesta ciclicamente em jovens na região do Uaçá, conforme ouvi de diferentes pessoas pertencentes aos povos Galibi Marworno e Karipuna.



isso o teria exposto ao descrédito e ao degredo na cidade dos brancos-parnã e, no limite, criado as condições para a empreitada de produção do manuscrito.

*E assim nasceu o conteúdo do manuscrito intitulado por Koko Tavi como a História dos Galibi Marworno do Rio Uaçá, obra compulsada ao longo de uma vida que perpassa toda a segunda metade do breve século XX.<sup>6</sup> O texto originário que segue remete a diferentes categorias de tensão entre colonizadores e colonizados, cujo eixo ameríndio parte da premissa de que o estado de guerra e desequilíbrio que vivenciamos na vida cotidiana, encontra seu lastro e explicação no desequilíbrio e beligerância manifesta no mundo espiritual (BATISTA, 2020), entendimento que aproxima distintas cosmologias de coletivos Caribe e Aruaque, atualmente territorializados na região do Cabo Orange – povos que constituem parte do mosaico multiétnico daquela fronteira guianêza.*

*Tomados em sua completude, quer nos parecer que os textos apontam para a aquisição da lecto-escrita como uma faculdade que confere aos povos subalternizados a possibilidade de retomar e/ou recontar sua própria história, além de conferir-lhes o poder de descrever o outro a partir de um suporte de saber particular. A ambivalência desse processo é demasiada interessante para a reflexão antropológica, pois permite um vislumbre de como pessoas etnicamente diferenciadas desmontam, crioulizam e ressignificam as ferramentas do colonialismo, acionando-as em proveito da própria reafirmação étnica. Um olhar cuidadoso sobre os manuscritos permite-nos, ainda, perceber a dinâmica em curso de uma memória indígena, em princípio sem representação escrita, e o paciente trabalho de um homem-memória guianense que transforma a si mesmo em livro, a fim de resguardar sua memória e a História de seu povo.*

*Para a região do Baixo rio Oiapoque, hodierna fronteira franco-brasileira, permitimo-nos a generalização de que as identidades de homens e mulheres uaçauáras<sup>7</sup> são complexas e multifacetadas, completamente adaptadas a condição multiétnica e transfronteiriça das/nas territorialidades em que movimentam. É por isso que se engana quem supõe a inadequação dos sistemas sociológicos indígenas em lidar com os colonialismos advindos de diferentes nações e agências. E a história pessoal do muchê*

---

<sup>6</sup> Segundo os registros notariais da margem brasileira, o Senhor Koko Tavi (Manoel Firmino) nasceu em 01 de junho de 1953 e faleceu em 23 de junho de 2016, aos 63 anos de idade, na cidade de Oiapoque/AP/Brasil.

<sup>7</sup> Palavra correspondente ao gentílico para os habitantes do Território Indígena Uaçá/Amapá/Brasil. Tomada do nheengatu, a palavra pode ser traduzida como “os originários, os nascidos no Uaçá”.



*Tavi é exemplar nesse aspecto, pois demonstra em sua prática como pessoas indígenas – desde sempre habituadas à convivência em fronteiras físicas e epistêmicas, zonas de contato difusas e instáveis –, elaboram soluções próprias para movimentar-se na história, acionando diferentes identidades e engendrando criativas formas de resistência.*

*Passado o nosso primeiro impacto com a densidade e a durabilidade dos manuscritos, reunimos pesquisadores e pesquisadoras dispostos a empreitada de tornar acessível a história e a memória do sábio indígena, realizado por meio da presente publicação. Desde o início, assaltaram-nos as dúvidas sobre qual seria o formato ideal para a publicação e, sabendo que livros e impressos são, antes que o produto de um autor, o resultado de uma multiplicidade de operações, decisões e interferências técnicas e ideológicas, nossa decisão primeira foi a de interferir o mínimo possível no texto, admitindo-se, porém, que a interferência é inerente ao processo de transcrição e publicação.*

*Atentos à crítica de Chartier (2010), de que não são “anjos” os que produzem os livros, gastamos anos negociando o “como fazer”, questionando quais opções poderiam ser classificadas como o procedimento mais acertado, tendo em vista a integridade da memória do autor e as etiquetas internas do povo Galibi Marworno em relação a sua memória e história. Nesse caminho, enfrentamos dúvidas sobre os procedimentos quanto a supressão e/ou complementação de frases<sup>8</sup> e palavras cujo sentido não se podia alcançar, quer pelo estilo gráfico, quer pelo desgaste e as intempéries que se encarregaram de engolir palavras e fragmentos do texto, mas não nos furtamos de auxiliar o leitor e indicar através de colchetes a inserção e/ou complementação de termos.*

*Diante do apresentado, concluímos assinalando que essas decisões foram partilhadas pelas mentes, mãos e esforços de investigadores indígenas e não indígenas. Pessoas que utilizaram a internet para trocar correspondências e mergulhar juntas no trabalho de transcrever as narrativas escritas pelo Senhor Tavi, pretendendo garantir condições para amplificar estas perspectivas-outras do tido e do vivido, promovendo a luta contra uma história única.*

*Que soprem as palavras de Koko Tavi ...*

---

<sup>8</sup> O que estamos considerando como interferências mínimas trata da correção de informações desconexas entre o texto e seu sumário, além da inserção entre colchetes [ ] de palavras e sufixos obliterados pelo tempo, quando estes tornam-se indispensáveis para a compreensão da mensagem. Além disso, recorreremos a inserção de palavras inteiras, quando no original a palavra estava parcialmente grafada.



*Ramiro Esdras Carneiro Batista  
& Daniel da Silva Miranda*



*Figura 1: Muchê Koko Tavi*



*Fonte: acervo de família*



## ***Fragmento de autobiografia do Muchê Koko Tavi (Senhor Manoel Firmino)***

*[Eu], Senho[r] Manoel Firmino, sou nascido na Aldeia Santa Maria [dos Galibis], no dia 01 de junho de 1953, [fui] batizado em 1954, no Rio Uaçá, Etnia Galibi Marworno, registro 1271-959. [Meu] pai é José dos Santos Fernando e minha mãe, Maria dos Santos, naturais do Amapá, município [de] Oiapoque.*

*[Em] 1959, com meu[s] 07 ano de idade, f[u]i matriculado na escola de ensino primario, cata[ndo] ABC, repeti 3 anos de cata[ção] de ABC, com palmatória na mão[.] Em 1967, conclui o meu 4º serie completo, na escola A. Gp. de Kumaruma, [aí] parei de estuda[r] pois não tinha escola Fundamental. [Em] 1967 eu tinha 15 anos de idade, começ[ei] trabalhar em agricultura, em roça, em plantil, pescava e caçava. Em 1972, com meus 23 ano[s] de idade, começ[ei] trabalha na educação como voluntario, na m[inha] aldeia Kumaruma, onde sou nascido. Criei, estud[ei], caz[ei]-me no meu lugar legitimo.*

*De 1970 a 1971, come[çei] trabalha na Enfermagem, com medicamento estrangeiros, em pratica, com um senhor Enfermeiro paraença que chamava Raimundo, atraves [de] projeto do senho[r] Padre Nelho. [Ele] vinha trazer essas medicamentos da capital [da] Italia, dôava para cada [uma] das aldeias, kumaruma, Urukawar, naquela época não tinha Medico, não tinha Enfermeiro, não tinha medicamento.*

*Usava[mos] medicamentos cazeiros e dos matos, como casca de manga com casca de taperebar, folhas de limaozinho com sipó do matos, com óleo de tukumã, com óleo de Andiroba, com óleo de meu, com casca de caju, etc. Quando o senhor Padre Nelho chegou na Aldeia, viu a situação das Aldeias, estava muito precário [em] tudo. [Em] 1970, o senho[r] Padre Nelho reuniu as populações [todos] juntos, com o cacique Floriano Macial. [Ele] disse na reunião: vou viajá para e Italia e levar esses conhecimentos, [a] falta de medicamentos para os indios de Oiapoque, Galibi Marworno. Disse [que] os indios de Oiapoque esta sofrendo sem medicamento, fa[zendo] tratamento com remedios cazeiros. [O] Senho[r] Padre Nelho, anot[ou] o nome desse[s] remedios cazeiros, [disse] esta aquir na historia levar para aprovar, que os indios fa[zem] tratamento com remedio cazeiro dos matos. Aprovado, disse o Padre Neelho, o remedio do mato é o maio remedio do mundo.*

*[No] dia 10 de Fevereiro de 1970, viajou o senho[r] Padre Neelho, para a capital da Italia, chegou a Oiapoque [de volta] em 07 de Abril de 1970, com medicamentos, com aparelhos, de injeção, com aparelhos de curativo, com aparelhos [de] termometros, com aparelho [de] pulsação, com aparelho de 20 ml, indovenoso, com aparelho de sutura, interno, externo, com aparelho de baras, foi da cidade de Oiapoque com esses medicamentos para as Aldeias. Entreg[ou] para o Cacique Floriano Macial na Aldeia Kumaruma.*

*Dia 12 de Maio de 1970 foi senhor Padre Neelho na aldeia Kumarumã, com equipa[mentos] de material de enfermagem, nessa época não tinha enfermeiros, não tinha enfermarias, na mesmo ocasião o cacique Floriano Macial reuniu as populações*



para da[r] sua contribuição, de uma casinha de madeiras feita através [de] mutirão, a enfermaria de kumarumã.

[Depois] chegou um enfermeiro paraence, senho[r] Raimundinho, em [um] dia de junho na Aldeia Kumarumã. [Isso foi em] 1970, juntamente com o senho[r] Padre Neelho. [Chegaram] as 3:00 hs da tarde, do dia 06 de junho de 1970. As 8:00 hs da manha desse dia, o cacique Floriano Macial reuniu a população, junto com senho[r] Padre Neelho, e com o senho[r] enfermeiro Raimundo. Apresent[aram] nossas enfermarias de kumarumã, os medicamentos, os equipados de material de enfermagem para a população.

Nessa reunião, o cacique Floriano Macial e o senho[r] Padre Neelho, disse para as população, nois precisa de um filho do nosso lugar, um indio Galibi Marworno que já tem 4º serie completa, para trabalhar e estagiar, com o senho[r] enfermeiro Raimundo (que veio preparado para trabalhar, para ensinar um indio na enfermagem). Nessa mesma ocasião, o senho[r] cacique Floriano Macial, o senho[r] padre Nelho, e o delegado Raimundo Geronimo, me apresenta[ram] perante a população da Aldeia Kumarumã (eu era o aluno Manoel Firmino. Era um sabado).

Dia 08 de junho de 1970, uma segunda feira, me apresent[ei] na enfermaria de Kumarumã, pela parte da manha. Nesta data eu, Manoel Firmino, começ[ei] trabalhar, aprender, na enfermagem junto ao senho[r] enfermeiro Raimundo, áte 1971. [Em] 1972 eu trabalhava na função de educa[dor] voluntario, na escola [de] alfabetização MOBREAL, e monito[r] de Saúde. [E]m 1973, o senho[r] enfermeiro Raimundo viajou a Belém/PA. No dia 08 de Março ele [foi] fazer tratamento, com problema de alergias. Nesta data começ[ei] trabalhar sozinho na enfermagem de Kumarumã, trabalhava de graça de boa vontade, com todo o meu coração, através de saúde da população indígena Galibi Marworno.

[No] dia 20/07/1973, eu fui para Crevelandia do Norte, eu fui estagiar, fiquei no Oiapoque, particip[ei] do curso de com[uni]tarista, durante 15 dia na parquia de Oiapoque. [Em] um dia de Agosto voltamos para Aldeia Kumarumã, continu[ei] trabalhar na enfermagem, na escola de cataqueze e comentarista, ensaiava as crianças (sabado as 8:00 hs as 10: hs da manha com jovem, as 3:00 hs, as 5:00 hs, da tarde, domingo culto com os adultos). Na Igreja Catolica, na Aldeia Kumarumã, em 1976, no dia 1º de julho, [assumi] minhas funções de Atendente Plural Polivalente na Aldeia Kumaruma. Em 1979, fui faze[r] um curso de enfermagem em Belém/PA.

[Em] 1980, fiz casamentos no porto da FUNAI, em kumarumã, com 5 anos de enfermagem. Nesta data par[ei] de trabalhar na enfermagem na Aldeia Kumarumã. [Em] 1981, continu[ei] novamente, trabalha[ndo] na m[inha] profissão, enfermagem, 1982 a 1983, a 1984. Parei de trabalhar com 9 anos de enfermagem, desisti devido a falta de contratação.

[Em] 1992, com meus 39 [anos] de idade [estava] sem estuda[r]. No anos de 1993, começ[ei] estudar em escola supletiva fundamental. [Em] 1996, conclui a 8º serie completa. [Em] 1997, estud[ei] na escola do Projeto Turé, por 2 anos. Faltava um ano para termina[r] o PROGRAMA DO PROJETO TURÉ. Os alunos desistiram e nessa época era professor o Paulo, que lecionava na Aldeia Kumarumã.

Os alunos reclam[aram] deste programa Projeto turé, pois [disseram] que não vale, não é reconhecido la fora no NC. Não é reconhecido na faculdade, em vestibular, em concurso, em áreas de trabalhos diverças, [aí] parou, cancelou [o projeto] na mesma data, 25. 06. 1997. Parou tudo, [ficaram] 2 anos sem estudar. No ano 2000, chegou ensino medio modular, de 1º 2º 3º anos. Começamos a estudar novamente, [eu] com minha turma, com calendario de 50 dia de aulas, durante 3 a 4 X ao ano, isso na Escola Estadual Camilo Narciso, na Aldeia Kumarumã.

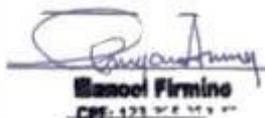
Em 2001, eu, Manoel Firmino, estudei o ensino medio 1º 2º 3º, ano. Em 2003, conclui meu 3º ano completo. Em 2004, comecei trabalha[r] em biblioteca Ambiental de Kumarumã, [como] voluntario. Nesta mesma data de 2004, o Douto[r] Paulo veio de Macapa, veio implanta[r] uma Biblioteca Nacional, na Aldeia Kumarumã. Nesta época era o cacique Olivaldo dos Santos. O meu estagio [durou] 2 menses, junho e Agosto, e o meu contrato de salario foi de R\$ 1,800,00 reais mensal.

Isto não deu certo, as invejas me estorou na mesma hora. [Então] disse doutor Paulo, Manoel Firmino já esta contratado, como professor Bilingui. [Alguém] interferiu na minha contratação. Atraves dos salarios da Biblioteca Ambiental do Kumarumã, em 2005, eu desisti de trabalhar di graças sou pai de familia, tenho esposa, te[nho] filhos e netos para sustenta[r].

Declaro ainda que durante o desempenho de m[inhas] funções, mostr[ei] sempre a correção de atitudes, de organização, de disciplina e [h]onestidade.

Pela veracidade das declarações supra citadas, assino o presente.

Figura 2: Carimbo e assinatura do Muchê Koko Tavi<sup>9</sup>



<sup>9</sup> Nota dos organizadores: a imagem do carimbo e assinatura do escritor indígena foi extraída de seus documentos pessoais manuscritos e/ou datilografados.



# *Manuscritos*





## Introdução do Autor

*Este livro contém o histórico do passado e do presente do Rio Uaçá. Como começou, quem fundou, quais as mudanças, as culturas, a tradição, as línguas, a alimentação, os sistemas, as pescarias, caças, planti[o], organização, a união, como se ajuntava[m], como dançava[m], como fazia[m] as bebidas indígenas, como falava[m] na Gíria,<sup>10</sup> e [como era a] etnia.*

*A língua Kheuól é privilegiada pelo fato de contar com tantas boas traduções das histórias dos indígenas Galibi Marworno. Com a precisão, a beleza e [o] estilo da língua pretende[mos] fazer [um] esforço prosseguindo na tarefa de transmitir as histórias nas palavras Kheuól e também no português. Com fidelidade e com clareza os povos reconhecerão a necessidade de uma tradução de história indígena nas escrituras kheuól (...)*

*Assim também, essas histórias do rio Uaçá que v[ão] ficar no meu livro [são] uma história nacional na educação, na saúde, no concurso, na redação, estando o meu povo preparado para qualquer desenvolvimento.*

*A nossa história conta desde o início de onde vieram os Galibi Marworno, de onde vieram os Palikur, como começou os combates entre os Galibi e os Palikur, a entradas no rio Uaçá e no rio Urukauá, por isso nossa cultura é muito importante, pois tem vários tipos de história.*

*Nossa história começou sem apoio, por conta própria, por conta da população Galibi Marworno, naquela época não tinha[mos] aldeia, não tinha[mos] uma organização certa com todo o povo, estava[mos] espalhados nas*

---

<sup>10</sup> Nota dos organizadores: é sabido que constitui prática dos agentes do extinto Serviço de Proteção ao Índio, em diferentes lugares do país, apelidar as línguas indígenas pejorativamente de “gíria”. Aparentemente, o autor incorporou o epíteto para referir à língua Galibi antiga, que por sua vez foi gradualmente substituída pela língua geral do Baixo Oiapoque, o Kheuól, atual língua materna do povo Galibi Marworno.



*ilhas. A Ilha do Posso foi a principal porque é nessa ilha que o povo começou a se reunir (...)<sup>11</sup>*

*Koko Tavi*

---

<sup>11</sup> Nota dos organizadores: pelo teor do manuscrito restou claro que o Muchê Koko Tavi não chegou a concluir seu texto introdutório, ou ainda, que o complemento do texto se perdeu.

1911 — *Etnia dos Indígenas Galibi Marworno*

*A [minha] Etnia nessa época, não tinha Aldeia[.] Os índios morava[m] debaixo das matas, nas baixadas das montanhas, abeirando os igarapés, viviam em outras culturas, outras sistemas. [N]ão tinham sal, nem fosforos, nem luz, nem pimentas, nem panela, nem pratos, nem colher, nem poços, nem roupas, nem casas, musquiteiros, nem lensol, nem arma[s] de fogo.*

*Nesta epoca, não tinha[mos] aldeia, comia[mos] em choças, fazia[mos] fogo de kuamim com pedra lascada, usava[mos] fogueiras de madeira, alimentava[mos] sem pimenta, comia[mos]caça, passaros muquiados ou assados, usava[mos] prato de kuruata de anajá, kuruata de humãã, kuruata de bacaba, kuruata de kurupira[.] Comia[mos] com a mão esquerda, a direita, usava[mos] água do igarape, usava[mos] calembê, ou [ficávamos] nus. Dormia[mos] de baixo do mato, ou [nas] okas, dormia[mos do lado de] fora, fazia[mos] fogueira ao redor, durante a noite, esquentava[mos] as redes no fogo, usava[mos] arcos e flexas venenosas.*

*[Vivíamos] no centro das florestas, falava[mos] nas gírias Galibi Marworno, não entendia[mos] as línguas patuá, kheuóol, [nos] alimentava[mos] somente da caça de passaros moquiados, sem farinha, [com] comidas simples, meio crua. Andava[mos] nas matas de noite, pesquisando os inimigos. Pegava[mos] as nossas comidas de noite ou de dia, não tinha[mos] horas de comer[.] Usava[mos] arco e flexa, para a distancia do combate.*

*Alimentava[mos] das frutas da natureza, usava[mos] pinturas de Uruku, de Karajuru, de Genipapos, colares de caroço, de frutas do mato, pu[l]seiras de ossos de caças, colar de pena de arara, as tângas de folhas de bôriti. De manha cedo logo nos acorda[vamos], as refeições eram de caça muquiada, ou assadas, nessa época não tinha nada de char, nada de mingao, nada de café. Nesse período, [nós] não parava[mos] num lugar, andava[mos] noite e dia nos matos,*



*com os filhos no kolo, dentro de um pa[k]ará, de sipó, chamado jamaxir, de passageiros.*

*Os índios neste período não sabiam ler, nem escrever, todos eram analfabeto, não tinham nome, nem sobre nome, viviam nus. Apenas de Kalêmbé, alimentava ensuças, não usavam farinhas, apenas beju, não comiam peixes, apenas caças e passaros dos matos, não usava o rio, apenas igarapés, não tinham casas suficiente, apenas maloka, não usava panelas apenas caça, para muquiados, não usava fosforos, apenas kuais e pedra laskada, não usava armas, apenas arcos e flexas, não usava cânôas, carros, motór, diversos transportes, apenas as pernas, não usava pratos, apenas Kumânu de Mahipá, Kumâmu dji Kumu, Kumamu dji Kunânâ, não usava colhe[r], apenas as mãos, não sabiam dançar, nem o nome das danças, não usava deus, apenas adorava Pajé, não usava remédios, apenas com folhas de kaskeiro dos matos.*

*Os índios alimentava neste período de caça, passaros, meio kru, frutas do matos, tudo kru. Bakabas, tukumâ, âbari, kuzu, jôdef, mâm, ahakapá, kunânâ, passukhe, koclix, pataua, tapuluho, não tinha nada de outras armas, somente as flexas.*

*Os índios dormiam em cima de folhas de imbaúba folhas de açaí, não usavam musquiteiras, dormia[m] nu, não usavam roupas, dormia com esposa, marido, com filhos, junto, com gênro, com noras, com neto todos juntos, veíam uma vida precária e a cultura desde que nasceu.*



## II

### 1912 — Nome do Rio Uaçá

*Nessa época, ainda não sab[íamos] o nome do rio, somente chamava por nome de rio, são muito rico de qualquer peixe, caça, passaros, de jacaré, de piraruku, de tracaja, de piranha, de tucunaré, de surubino, de traíra-açú, de jabuti, de camalhão d[os] campos, firmas, de campos alargados, de lagos, de igarapé alagados, de ouro, de bauxitas, de petróleo, de querozene, de montanha, de floresta, de frutas de natureza, de bacabas, de acai, de anaja, de taperebá, de manga, de kumãã, de tukumã, de burite, de jiju, de mata-matar. Ate que enfim descobri[mos] o nome do rio: Uaçá.<sup>12</sup>*

---

<sup>12</sup> Nota dos organizadores: palavra grifada pelo autor. A “descoberta” do nome do rio, como reificada pelo autor, aparenta demonstrar que o seu povo encontrava-se em processo de reterritorialização na região da foz do Oiapoque. Existem relatos de povos vizinhos sobre um grupo de Galibi que teria vindo do alto rio Oiapoque, em direção à foz, em época incerta, que corroboram essa versão. Relatos dos vizinhos Palikur, por exemplo, fazem alusão a essa chegada e ocupação tardia de um povo Galibi no rio Uaçá, em contexto de guerra (Batista, 2020), dando a entender que a formação dos Galibi Marworno é fruto de diferentes ondas migratórias sempre em direção ao alto rio Uaçá.



### III

#### 1913 — Vilarejo dos Índios Galibi Marworno

Os indígenas Galibi Marworno, ainda vivem [i]solados no centros das florestas, viviam como dono[s] do[s] matos, não pençava[m] em nada, apenas com[iam] e dormi[am], não usavam deus, adoravam [o] pajé para ser [o] deus dele[s]. Não sabia ler, nem escrever, não encherava[m] nada e adorava[m] pedras, pedaço de pau, passaros, invisível, gente invisível do mato, peixes invisível, nessa época os indígena não sabiam se ti[nha] guerra mundial, no Brasil. Estavam esquecidos, ainda não se alembra[vam] se ti[nham] indios espalhados neste Brasil, todos na[s] gavetas do[s] matos.

(Ilegível...)

[Antigamente] os indios Galibi Marworno, falavam só na Gírias-Galibi: há dyó, tayho! E sim, amigos/ ou ayó! Tâmu/ ou tehey! / ayó! Tayho! ynyçâ tunâ mohobô, o meu amigo, toma um pouco de água. É essa que é nossa língua legítima, Galibi.

Em suas festas dançava[m] Turé — essa [é] uma organização, uma tradução, cultura, união, [todos] juntos, musicas, enfeites, uniformes, alimentação. [Havia] bebidas, danças, línguas, participação, as horas, a moral, a dur[ação] de duas noites e do[i]s dias.

As bebidas indígenas e[ram] feitas de mandiocas, com a mistura com batatas, canas, cruzeiros, beju, tucupi com 2 jamaxir de mandioca branca, feifim, ou pratim, com mandioca maniguéra, as raspa a mandioca, rala todos, bota na prênça, deixa expreme, bem seca amassa, pega o tucupi, com essas mistura bota tudo, na pela do tucupi, ferve tudo junto, novamente, e deixar ferver novamente, bem fervidos, tira do fogo, mistura junto com beju da mandioca, joga na jarra, deixa passa[r] uma noite inteira, de manha vai olhar, descobre, boiando, expuma, passa um pouquinho no penerinho fino, [e depois] prova u[ns] tipos de umas servejas muito gostosas.



*O Paje Urussú<sup>13</sup> é um paje cultural indígena, foi ele que[m] criou essa festa do Turé, toda a tradição[.] Paje Urussu não t[inha] profissão nenhuma, a vida dele e[ra] dança[r], beber caxixi e canta[r]. Ele fa[zia] essas danças todas organizadas, através [da] cultura indígena. As mulhe[res] dele usava[m] só turbante, fala[vam] só nas gírias. Urussu era um paje bem formados, ele sabia tudo o que é bôm, o que é mal, ele curava na hora, operava qualquer doença com defumação, marakâ, era um paje visível e invisível, etc.*

---

<sup>13</sup> Nota dos organizadores: palavra grifada pelo autor.



#### IV

#### 1914 — 1ª Guerra Mundial no Brasil

*Os Indígenas Galibi Marworno, andava nos matos, caçavas ate [que] um dia saiu abeirando do rio, proximo de um caxueiro, cançados[.] Os indios disse vamo[s] seguir este rio ate o fim, começou anda[r] as 4:00 hs. da tarde, saiu a beira do campos firmes, dormiu, de manhã seguiu novamente, o rio, viu que [a] água do rio puxava o correnteiro para baixo, [então] falou na gíria, disse para outros índios: Ayó: tamu, respondeu, yéy: disse para outras: nôssamo ytôtâ yhanã, ytônâ, disse, nós estamos saindo d[as] matas, abeirando os campos alagados, quando saiu, viu os campos muito bonitos, ventos bonitos, lagos, ilhas, burite, peixes, coisas saldavel, [então] vinha baixando abeirando do rio, escolhe[ndo] onde ficar.*



V

*1922 — Parou a 1ª Guerra Mundial no Brasil*

*Os indios venha siguir o rio, dormi[a], caçava, pescava[,] pegava peixes de flexas, comia sem sal, dormia sem mosquitoireiro, andava nu, comia caça meia crur, banhava no rio, andava no[s] campos, encontrava muitas coisas no campos alagados, peixe, jacaré, tracajá, tamatá, jiju, lagos, pássaros diverso[.] Nessa data os indios começou pêncar, disse na gíria: vamos escolhe onde ficar, tem muitas comidas para sobreviver, disse na gíria Galibi Marworno[:] tamu Ycanã Ytôtâ, disse nós saiu de[ssas] matas. V[amos] morar aquir nos campos.*

VI

1923 — Os Índios Galibi Marworno Começ[aram a]

Escolher [um] Lugar

Os índios come[çaram] dividir com seus filhos, seus parentes, com seus vizinhos em cada um, seu lugar para ficar: 1º ficou 5 morador no SEMITXIE, 2º ficou 2 morador na Ilha NEGLIS, 3º ficou 2 morador no TÂMBÔ, 4º ficou 7 morador, 5º ficou 8 morador no SURAIMUM, 6º ficou 3 morador no TUKURUI, 7º ficou 5 morador MANAU, 8º ficou 5 morador no BISCOTE, 9º ficou 3 morador no MISKATU, 10º ficou 2 morador na Ilha de APUKUHIA. 11º foi para Ilha MAHIPA, 4 morador, 12º foi para Ilhas de GHÂ MAPAPUENE 4 morador, 13º foi para Ilha TXIMAPAPUENE 2 morador, 14º ficou na Ilha do POSSO 14 morador, 15 ficou na Ilha de KAYMÂ 6 morador, 16 ficou na Ilhas de GHÂ-ZILE 4 morador, Ilha de BANANA, 2 morador, Ilha de CÔCÔ 6 morador, Ilha de VIE-VIL 7 morador, Ilha de CIFRÂ 2 morador, Ilha de IAPÓ 3 morador, Ilha de JÊJÂM 3 morador, aô todo [haviã] 84 habitante Indígena Galibi Marworno.

Figura 3: Esboço demográfico das comunidades Galibi Marworno no Rio Uaçá.

1- posse: □□□□□□□□□□-12	13- Tximapapuen □ □ - 2
2- Kaymã: □□□□□□-6	14- Apukuhia □ □ - 2
3- ghâ-zil: □□□□-4	15- Biscot □□□ □ □ - 5
4- Banana: □ □ - 2	16- Manau □ □ □ □ □ - 5
5- Cêcô: □□□□□□-6	17- Tukurui □ □ □ - 3
6- Zie vil: □□□□□□□-7	18- Suraimum □ □ □ □ □ □ □ - 8
7- Cifrã: □ □ - 2	19- tâbô □ □ - 2
8- Japó: □ □ □ - 3	20- Ihäpuku □ □ □ □ □ □ - 7
9- Jêjâm: □ □ □ - 3	21- Negis □ □ - 2
10- Mahipa: □ □ □ - 4	22- Semitxie □ □ □ □ □ - 5
11- Miskatu: □ □ □ - 3	84 habitante Indígenas Galibi Marworno
12- ghâ-Mapapuên- 8 □ □ □ □	

Fonte: Manuscrito de Koko Tavi (sem paginação)



## VII

### *1925 — Os Índigenas Começ[aram] Com as Danças: Turé e Festas Religios[as]*

*Os índios Galibi Marworno começava[m] organizar as cultura de dança Turé, de dança religioso, com o cacique Chinuâ Monteiro, que era 1º liderança do rio Uaçá, disse para os irmão, parente: nos estamos no lugar onde tem campo, tem ventos, tem lagos, tem rio, tem igarapé alagado, tem Ilha, tem diverça riqueza para planta, para colhe, para tirar solo, sob solo, tem peixes dos campos, tem passaros do campo, disse, os índios aqui dar para sobreviver. Nessa época os índio adorava apenas (pajé), que [era] os deuses deles.*

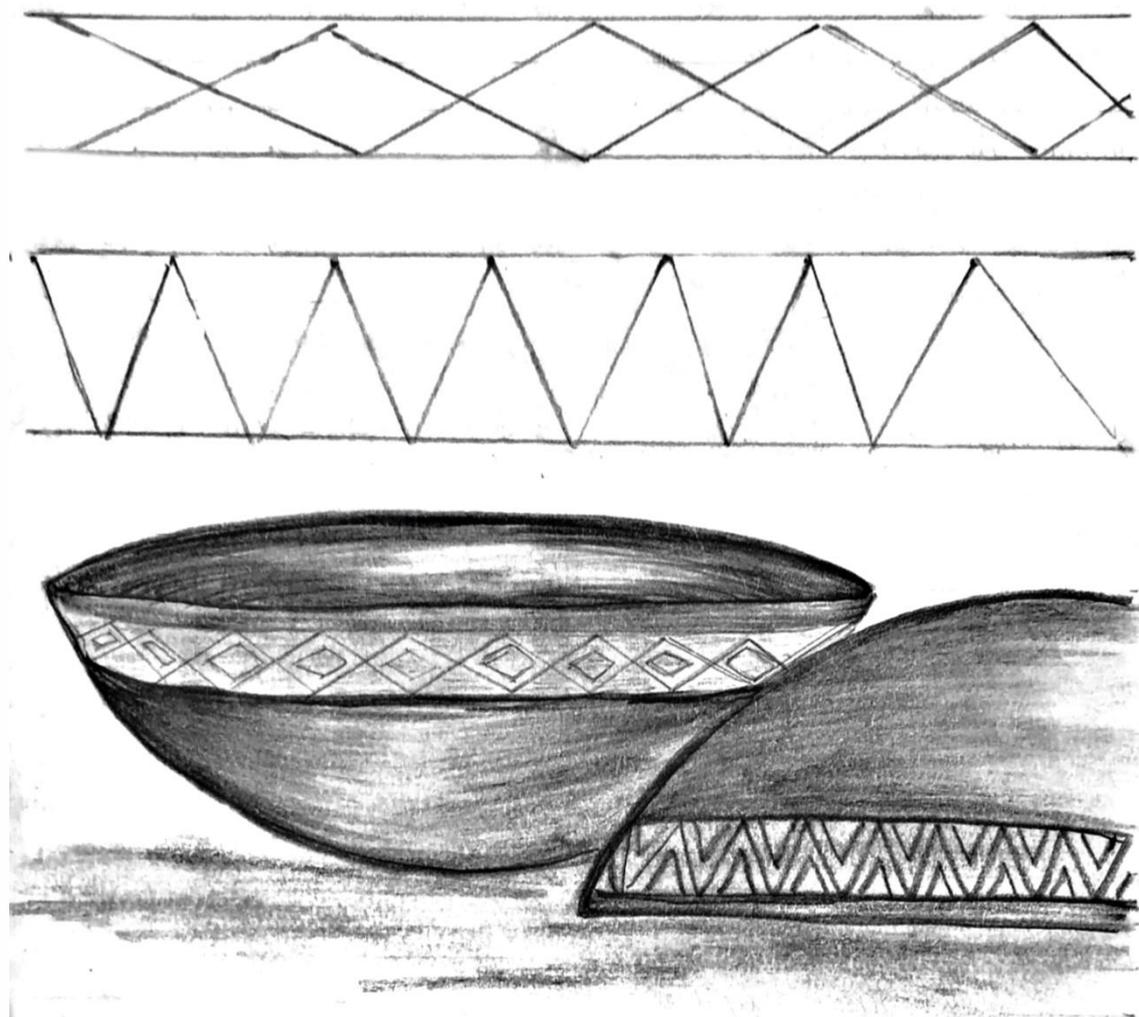
*Nesta data, todos [eram] analfabeto, não tinha escola, não tinha igreja, não tinha transporte, não tinha festas religiosas, não tinha Cacique, não tinha conselheiros[.] Nessa periodo criamos o cacique Xínua Monteiro<sup>14</sup>, não sabia[mos] nada, via[mos] somente os espíritos dele. Não tinha comoni[ca]ção, ninguem falava portugues, ninguem ented[ia] outras línguas, falava somente nas giras Galibi Marworno, vieram do centros das florestas, neste periodo cheg[amos] na Ilha posso, e fic[amos] espalhando nessas outras Ilhas.*

---

<sup>14</sup> Nota dos organizadores: palavra grifada pelo autor.



Figura 4: Maks Kuahi e Dã Djilo



Entre o meu povo Galibi Marworno os utensílios do dia a dia trazem as marcas e grafismos importantes para nós. A cuia emborcada para cima traz a marca do Kuahi (Mak Kuahi), ela representa um peixinho pequeno encontrado em grande quantidade no Uaçá. Esse peixe é responsável pelo equilíbrio e saúde dos seres aquáticos, quando tem muito Kuahi, significa que está tudo bem. A cuia emborcada para baixo traz a marca Dã Djilo (Mak Dã Djilo), essa marca representa os dentes que o vento e a maresia desenharam nas águas.

Arte e texto de Elson Forte Galiby (Gowhey).





## VIII

### 1927 — Entradas dos Negros

*[Em] 1927, foi caça[r] 3 homens Galibi Marworno, no Alto rio uacá, por nome: kudô, Pikâ e José Manoel. Nesse dia cheg[aram] num lugar chamado Fhuka<sup>15</sup>, e um rio entra no lado direito, na boca do rio, que tem uma pedra grande, onde os indio dormia, onde caçava, onde pescava, iam devagar no rio, olhou acima das pedras viu 4 pessoas sentadas, 2 homens, 2 mulher[es], morrendo de fome, disse os indios, vamos ver quem é essas pessoas. Hai foi, chegou lá mais perto, os indios viu 4 negros, os indios iam recuar para trás, os negros disse nas línguas patuá:*

*— Reíní íssít, fez sinal com as camizas dele, falou no kheuol, hai os indios se entende[ram] na língua patua, foi com ele, disse[ram] para os índios: não nos mat[em], nós somo gente igualmente a vocês!*

*Disse[ram] no kheuol[:] nô, fê, kíca la zat gâie, pumâje, hai os indios se entende, o que eles queriam. Disse os índios, estao pedindo comidas, disse os indio, nas gírias ayó tâmu, os negros disse[ram] na lingua patua, vini xaxe nô. José Manoel respondeu no Galibi, na gírias[:] hayó Tatho, as negras mal entendidas, disse: Akiça Zot dji lá, nô mahô dji laque, kavini buku mun, kamahô, dji Bhezil, laque la thofethoxo. Eles disseram que vinham buscar muita gente para enfrentar na guerra, venha pegar gente forçadas para vender [e] negociar com os empresarios, para ser escravos, trabalhando di graças, noites e dias, se não trabalhar [seriam] com chicotes nas costais, trabalho pelo um prato de cumidas, não tem repousa, e por isso nós fugindo das nossa casas, deixando nossos neto, nossos filhos, nossos pai, mãe, nossos lugar Africa,<sup>16</sup> nossa cidade.*

*Foi a 1º guerra Mundial, vai durar com muito tempo de luta, muita gente vai morrer, de sofrimentos, de fome, de mizerio, disse para os indios, nô kale ke zat, thavai pu nô, majê, os indios respondeu na gíria[:] Ayó tayho. Hai os negros*

---

<sup>15</sup> Nota dos organizadores: palavra grifada pelo autor.

<sup>16</sup> Nota dos organizadores: palavra grifada pelo autor.



*embarcaram, morrendo de fome, na canôa, os índios deram farinha, deu caça, passaros, muquiado, comeu, deu xibé, bebeu, no mesmo dia voltaram para casa.*

*Nessa mesma data, o cacique reuniu com o povo, era um sábado, conversava sob uma lâgâ, não tinham onde se encontrar, onde aceitar outras pessoas, não tem onde fazer reunião, onde dançava, (turé). O kacique Xinuâ Monteiro, disse[:] vamos fazer, nós precisa[mos] desse lâgâ, no mesmo dia fez construir um lâgâ, de palha, não tinha soalhe, somente a barraka, esse lâgâ significava Ilha do Posso, servia para todos, dançar Turé, para reunião, com apresentação do pajé Urussu, onde conversava com as mulheres, com os homens sobre as nossas tradições, nossas culturas.*

*O Pajé Urussu, era homem dos guerreiros. [No] ano de 1927, nessa mesma data, chegou os índios caçadores, as 6:00 horas da tarde, na Ilhas do Posso, com 4 negros, com as roupas todas rasgadas, os índios Kudô, Pikâ e José Manoel, apresentou as negras para o kacique Xinuâ Monteiro, as negras explicou no kheuol, os passados deles, como eles vinha[m] fugindo. Disse[ram]:*

*— Nô vini di nô péy, Afrique<sup>17</sup>, no mahô, dji Bhezil, igaiê 1º laque, ie ka bhiga, ie ka txiêbe um fam, pu kant elirn, âcam keyeh, si upole, ie ka txieu, ie ka txiebeu pu vâdeu pu guvelmã, pu thavai pu bôtxiô, se upole thavai, axikot la do, uka thavai pu um pla mâje, nuyt kuju, pa gaiê repouso, uka fé exclave, amize, afê, apuçã igaiê buku mun que mahô dji Bhezil, akôça kacike!*

*Hai vinha nessas horas muitos índios, escuta como os negros davam a notícia triste [e] todos os índios ficou sabendo, que tem guerra no Brasil, hai o kacique aceitou os negros, deu agasalho, deram alimentação, só que naquela época não tinha[m] nada, era uma vida ainda muito inzulada. Não tinha mosquiteiros, não tinha lençol, não usava roupas, não usava pratos, nem colher, nem temperos. Não tinha diversas cultura do Branco<sup>18</sup>, somente nas cozidas sem sal, e água, caça, passaros moquiados, todos sem sal, usava nessa época os pratos, kumâmu dji kumu, kumâmu dji kunânâ, comendo com a mão, não usavam farinha, somente beju, dormindo sem mosquiteiro, os negros aceitavam tudo, aceitavam os sistemas, as culturas dos índios.*

---

<sup>17</sup> Nota dos organizadores: palavra grifada pelo autor.

<sup>18</sup> Nota dos organizadores: palavra grifada pelo autor.



## IX

### 1928 — Quem Eram [os] Guerreiros

*[Em] 1928 — Os índios Galibi Marworno, aprendem as línguas dos negros, os negros começou fazer explicação para os jovem, para as crianças, para os adultos: índios tem guerra no Brasil, tem soldados da guerra, tem navio da guerra, tem avião da guerra, tem lancha da guerra, tem motor de popa das guerra, tem um avião do combate chamado Zapeli[m], um modelo de avião redondo, andando com lenha, que vinha ate na boca do rio Uaçá, vamos ter cuidado que a guerra esta quente lá fora, disse[ram] para os índios, vamos preparar para [ir] fugindo nos matos, os índios acreditando disse[ram] sim.*

*Os negros disse[ram] por isso, v[ão] ficar aqui se guardando até no final da 1º guerra, na 2º guerra, trabalhando com voçes, nas culturas de voçes, nas roças, carregando mandiocas nos costais, com jamaxir, fazer farinha com os índios, pescava, caçava, dançava, mexer farinhas, no forno, bota peixa na bôca do forno. [Os negros] ficou acostumado, [mas] não deixava as falas deles, [então] com essas línguas os índios fic[aram] acostumados, aprendeu fala[r] as línguas kheuol, mais rápidas.*

*[Em] 1929, chegou outros negros, nas áreas indígenas, esses negros que chegou depois da 1º guerra nas áreas indígenas rio Uaçá, fic[aram] muito tristes, de alimentação, de costume, da culturas, das falas, não comiam nada, não queriam beb[er] agua. Os negros anteriores disse[ram] para outros negros novatos, nos somos mesmas pessoas, mesmos sangue, aqui não tem comércio, nos estamos nos matos, no meio dos índios, nós não podem[os] reclamar, é melhor de que nós apanhar de xicote, pelo um pratos de comidas, trabalhar noites e dias, pelo um pratos de comida.*

*Disse para outros negros, agora nós vamos morar debaixo dos matos, parar o combate, a guerra, nois aguardar para não nós enchargarem. Os soldados da guerra venha, venha no navio, chegar[am] em frente do Cabo*



*Orânge,<sup>19</sup> espalham Barcos, lãncha, môtör de popas, aviãõ, tem um aviãõ chama-se por nome: Zepelin<sup>20</sup>. Ela funciona com lãnha, é cilênçioso, anda muito vagaroso, no ar, quando percebe[mos] já chegou ou já passou, é uma aviãõ de combate de 1º guerra Mundial e na 2º guerra Mundial.*

---

<sup>19</sup> Nota dos organizadores: palavra grifada pelo autor.

<sup>20</sup> Nota dos organizadores: palavra grifada pelo autor.



### URUSSÚ: Homem Guerreiro

*Urussú disse para as populações, os índios Galibi Marworno, na reunião perante o cacique Xinuâr Monteiro, perante [os] negros, eles estava[m] presente juntos na reunião com os índios, o Pajé Urussú disse[:] deixe [que] eles venha, eu quero batalhar com eles, do jeito que venha[m]. Disse o Pajé Urussú:*

— *Sou homem guerreiro, hai é comigo, não fico com medo, eu vou combater com eles, disse. Não tem navio, não tem avião, não tem lancha, não tem motór, não tem soldados que vai nós escravizar. São eles que ser[ão] escravizados por mim, Pajé Urussú!*

*Todas as populações, os negros, fic[aram] alegres. Feliz[es], o Pajé Urussú pediu para as populações indígenas, Caxihî<sup>21</sup>, chama-se caxixi, feito de mandioca, o pajé disse, eu quero todas as apresenta[ções] dentro de nossas culturas indígenas Galibi Marworno, de penas de passaro, tânga, kohon, plumagê, pusseiras, kolares, adâm-nâ, usava jipe, vehese, mahetet, os jovem, as mãe, os pais, os negros (são culturas, dos negros mahetet). Representam nossas armas, nossas defesas, nossas tradiç[ões], nossas culturas, nossas forças, nossas danças, nossas etnias, nossas línguas, nossas pescas, nossas caças, nossas Gírias, nossas união, nossos costume, podem kre em mim, sou o Pajé Urussú<sup>22</sup>.*

*Em 1913 disse Pajé Urussú [:] eu sou guerreiro de verdade — Disse Pajé Urussú[:]sou visível, invisível, visível, quando não canto, não danço, não bebo, mando buscar qualquer caça, passaro, peixes, tracaja, jacaré, porcos do matos, disse para os vizinho dele: qual cumidas voçes querem comer hoje? Os vizinho disse nos quer[emos] porco do mato, hai o Pajé Urussú disse, vocês se [pre]parem cada qual na sua canoa, com cassete, ou de flexa, de machados, vão esperar lá abeirando perto de casa, disse o Pajé Urussú, cada canoa mata 5, hai podem para[r] e volta[r] nas suas casas. Hai meia hora depois da um silvo, um trovão*

<sup>21</sup> Nota dos organizadores: palavra grifada pelo autor.

<sup>22</sup> Nota dos organizadores: palavras grifadas pelo autor.



*brabo, relâmpagos, um vento forte, hai o Pajé disse, já esta deslocando, já venha. Não demora lá venha [os animais] para embarca nas suas canôas, é só apanhar de cassete. E assim foi.*

*Invisível — o Pajé Urussú disse para as mulheres, para os vizinhos, [ele] disse: eu vou viajar hoje meio dia para outro mundo, tem um convite dos meus amigos invisível. [Então] ele dança, bebendo, durante uma semana, ele muda a roupa dele, faz um cigarro, bota kohon, poulsseras, os colares, adam-nâ, acende os sigarros dele, tanga, bota a mascara deles, debaixo dos braços dele, disse para a mulheres dele, eu quero dois homem [prá] me levar lá no rio, chegou a hora, meio dia, hai dois homens levam eles no meio do rio, com sigarros na bôca, chega no meio do rio, tira o sigarros da bôca, chama-se defumação, com sigarro dele acima da água, o Pajé Urussú, disse para os dois homens, ate sabado meio dia voçes venha[m] me esperar aqui no mesmo lugar, venha[m] me buscar, os dois disse sim.*

*Com uma cuia de caxihi, hai ele pula dentro d'água e vai embora, ele passa a semana no fundo d'água. Sabado meio dia os dois homem vai esperar ele no mesmo lugar, com uma cuia de caxihi — Quando os dois homem ver do profundo d'água la venha o Pajé Urussú, veio boiando, com tudo, sem se molha[r], embarca na canôa, com a cuia do caxihi do pajé, a defumação na cuia do caxihi desaparece na hora, bem bonita. Ele vem embora para casa dele, o caxihi já esta pronto, na casa dele, hai todo mundo vai bebendo, vai dançar, nesses tradição os indios aprende essas cultura do Pajé Urussú, foi ele quem criou [a] tradição.*

*Nessa mesma data — uma hora da noite apareceu de repente uma clareza, no ar, silenciosa, só braza mesmo, a fumaça, anda, muitos devagar, nessa época os negros ficaram muito ansiosos, com medos, chorando, eles disse[ram] na mesma ocasião, vamos fugir nos matos. O Pajé Urussú disse, eu sou pajé guerreiro — Ninguém vai fugir, nada vai acontecer, se for a guerra, eu espero aqui mesmo, saiu muita gente, olhando como avião vinha, e saltando a braza dos fogos de lá de cima de dentro do avião, vinha com uma clareza no ar, muito grande.*

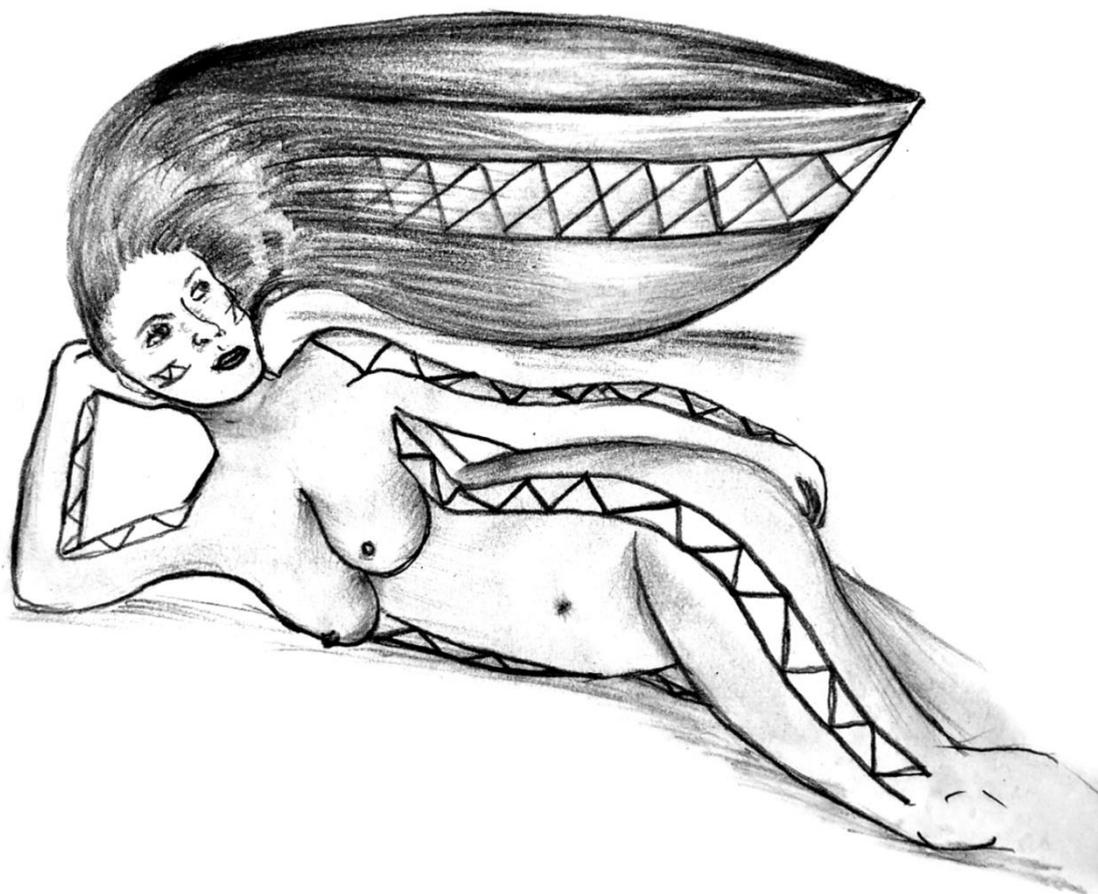


*Hai os negros disse tem um tipo de avião de combate, anda com lenha, chama-se por nome Zepelim<sup>23</sup>, é uma avião de guerra mundial, este avião anda o mundo inteiro arrodando os indios, os negros fic[aram] muito preocupados, foram morar mais nos matos. Tinha dias que vinham falar com Pajé Urussú, pedindo se ainda não vinha algum navio, algum avião de guerra, o Pajé Urussú disse, ainda não, os indios, os negros ficar[am] muito contentes. Disse o Pajé Urussú, quando eles venham eu vou da[r] um sinal, mandar um nevoado, um relâmpago pra avisa[r] voçes todos.*

---

<sup>23</sup> Nota dos organizadores: palavra grifada pelo autor.

*Figura 5: A Cuia de Caxixi*



*Durante a cerimônia do Turé de meu povo Galibi Marworno as cuias de servir o Caxixi são como pessoas espirituais, são sagradas. Na realização de nosso Turé é a cuia quem escolhe as mulheres que irão tocá-la para servir as pessoas, no círculo mágico do Laku. É a própria cuia quem escolhe as mulheres que irão servir o Pajé, servir os dançarinos com a bebida do Turé. O espírito da cuia nunca escolhe homens para servir o Caxixi, a cuia tem uma relação muito forte com as mulheres. Ela sempre escolhe as meninas mais lindas para representá-la e servir as pessoas.*

*Texto e arte de Elson Forte Galiby (Gowhey)*

## 1932 — 2ª Guerra Mundial

*Em 1932 começou [outra] guerra mundial, o pajé Urussú, manda avisa[r] todos os índios onde que esta[va], que esta começando a guerra no Brasil, novamente. Mas vocês meu povos não tenha medos, Pajé Urussu, disse, eu estou pronto para combate, eu já stou preparado, eu [en]frento sou homem guerreiro, quando eles venha pra ca ão Norte, vocês vai todos se guarda[rem] nos matos, eu vou ficar sozinho, na minha casa, com um meus filho.*

*Disse, o homem guerreiro, meus irmãos, meus parente, eu vou luta[r], eu vou entra[r] no combate, nada vai acontecer, disse [o] homem guerreiro, eu vou entra[r], com essas pessoas de guerra: 1º com trevoadas, com chuvas, com relâmpagos, o tempo vai ficar escuros, eu estou mandando avião [de] volta. Não tenha[m] medo, vai assumindo para outros rumos, quando venha entra com a lancha deles, no rio Uaçá, vai entra carapana nas costas [deles], mutucas, mordidas nas costas, cobras venha[m] subindo na lancha, o dia vai ficar muito calmo. O tempo vai ficar muito triste, outr[os] so[l]dados vai cai na água, morre[rão] afogados.*

*Quando venha para cerca[r] o rio, o rio Uaçá vai fechar, tem outros navio [que] vai afundia na bôca do rio Uaçá, essas lancha, motor de popa, não vai poder entrar, vai voltar, vai encontrar gopés. Vai encontra[r] carapana, mutuca, morceg[os], tentativas [de] picada de cobra, picadas de Cabas<sup>24</sup> brabos, desenterias, febres, e assim o pajé Urussú [atuou] no combate na 2º guerra mundial.*

<sup>24</sup> Nota dos organizadores: a palavra Caba provavelmente refere-se aos marimbondos ou vespas de picada muito dolorosa, que infestam o vale do Uaçá. Da perspectiva indígena, a coleção de fenômenos meteorológicos, animais peçonhentos e patógenos constantes do bioma de campos alagados do Uaçá, parecem constituir o arsenal bélico que o Pajé Urussú usa e controla em favor de seu povo, a fim de impedir a invasão dos soldados (brancos). É possível supor que o relato trate de uma descrição densa das batalhas aeronavais pelejadas nos arredores do território do Amapá, durante a segunda guerra mundial. Registros históricos do período demonstram a grande movimentação de máquinas de guerra na região, com os nazistas sediados em Caiena ao tempo em que o exército estadunidense contrói uma base aérea vizinha ao território Galiby. Sobre o assunto, consultar: Batista e Miranda (2024).



*Em 1933 — começou [outro] combate com paje Urussu — O paje Urussu não deixava lancha [nem] motor de popa entrar no rio Uaçá. Mandava Fechar os rio[s], os igarapes, liberava [as] cobras, mutucas, cabas, formigas, morcegos, carapanãs [contra os soldados]. Os navios chega[vam] na bôca do rio Uaçá e [ali eram] fundiados. Muita gente cai[a] dentro d'água, desapareç[ia], morria afogada, hai volta[vam], [depois] vinham outros navios de combate, chega[vam] na ponta do cabo Orange, manda[vam] 3 lâncas, 5 motor de popas, vinha[m] entrar no rio tudo armados, vinha[m] ate na boca do rio Urucaua, deixa passar ate na txipoca, o rio, os igarapes, todos esta[vam] fechados, não [tinha] onde passar, [os soldados] encontra[vam] muitas cobras, [que] venha subindo nos barcos deles, muitos brabos morcegos cai[am] nas pessoas para morde[rem]. [Era] horrivel, muitas cobras cai[am] neles e ferra[vam] eles, muito carapanã morde, morde[m] ele[s], muita mutuca que não tem tamanho morde eles. [Aí] volta[ram] nas lanchas, volta[ram] nos motores de popa, chega[ram] nos navio deles, tudos doente, com febre, com desenteria, com dor das picadas, das cobras, da mordida dos morcegos, das mordidas das mutucas, dos carapanãs, todos esbandalhados.*

*Hai o comandante do Navio, manda outros moto[res] de popa, outras lanchas e as pessoas morre[m], todo[s] afogado[s], os moto[res] de popa desaparecem, mandam [mais] 6 avião de combate espalhando no ar, os avião vai embora, de repente o dia fica escuro, espoca uma chuva grossa, uma tempestade feia, relâmpagos, trevoadas, e os avião perde os rumos e outro bate na mântanha, outros [vão] cair no mâr, outros cai no centro das florestas, não volta nem uma avião.<sup>25</sup>*

*O Comandante do combate manda espalhar, avião [heli]coptero no ar, o que é besteira, tem [heli]coptero que não [vai] voltar, tem avião que não volta, o Navio fica durante [um mês] na ponta do Cabo Oranje e volta, busca outros motor[es] de popa, outros avião, outros [heli]coptero de combate. O paje Urussu*

---

<sup>25</sup> Nota dos organizadores: a queda de aviões de combate norte americanos da segunda guerra mundial no interflúvio Caciporé/Uaçá é fato histórico registrado. Tanto o povo Galibi Marworno, quanto os Palikur Arukawayne, guardam memória dos sinistros e resgates de corpos, inclusive localizando no presente as carcaças de cargueiros B-29 e B-24, em seus territórios de caça (Batista, 2020). Sobre o assunto consultar o jornal Folha de São Paulo, na matéria *Avião dos EUA é resgatado no Amapá*. Edição de 23 de julho de 1995. Fonte: <https://www1.folha.uol.com.br/fsp/1995/7/23/mundo/14.html> Acesso em 05/07/2020.



[responde] bota[ndo] uma cobra grande em frente da “môntanha de Kumahumã”. Lá fora chama[m] por nome da Cobra-grande, “Puy puy hi”, bota [outra] cobra grande frente do “iawhi”, no mar, chama pôr nome da Cobra grande, “B iyua dji puy puy hi”. Bota uma Cobra grande [em] “frente da môntanho Alayâ”, chama pôr nome da Cobra grande, CLIBI. O pajé Urussu [também] bota uma “mãe da cobra Energia”<sup>26</sup>na [montanha] txipoca, chama-se por nome “mãe Eletrica da Energia” para proteger e [impedir] a entrada de pessoas de combate. Coloca uma [outra] no lago do “mahuene”, que no lago Maruane pos outra mãe Eletrico da energia. Não tinha nada que dava conta do combate com o paje Urussu, muita gente [morreu], afundava muito navio, lancha, motor, o rio Uaçá estava encantado.

Em 1934 o paje Urussu tinha 3 mulheres — 1º uma jovem, 2º uma idosa, 3º uma velha de 55 anos — nessa época tinha os negros que morava junto com os índios e teve lá “provas” como a cultura indígena é forte, são valorizados, ficou respeitando as culturas indígenas, o paje Urussu, homem guerreiro, [pela] 1º vez, entrou no combate da 2º guerra Mundial com os branco, sem arma, somente [com] os enfeitos, cahon, colares, adam-nâ, calêbê, pusseiros, mahaka, cigal, que [em]frentava o combate.

Em 1934 disse o paje Urussu, não sei quanto navio eu afundei nô mar, não sei quantos avião de guerra que perdeu os rumos, não sei quantas pessoas caiu dentro d’água e morreu afogado, ate que em fim, o comandante da guerra convers[ou] com o comandante dos Navios, fez outras invenção, de [outros] Navios de combate, com serrotão de aços, por debaixo das Costas do Navio, Com [energia] eletrica, para mata[r] essas cobra grande, o Navio veio novamente, ia passando em Frente do môntanha do kumahumã, subiu acima da cobra grande, por nome “Puypuy-hi”, atorou [e] fez dois pedaços da cobra, passou dessa vez, quando voltou o Navio, viu a cobra-grande subiu acima da môntanha, kumahumã ambos lados, morreu, deu sinal para o paje Urussu, com uma trevuada, relampagos, chuvas [e] ventos durante 5 dias.

---

<sup>26</sup> Nota dos organizadores: provável alusão a uma enguia elétrica descomunal que habita no lago Marawane. Trata-se de um ser não humano domesticado pelo Pajé Urussú, constante da cosmologia do povo Galibi Marworno.



*O pajé Urussu disse, que tem alguma coisa que aconteceu no mar, mataram o meu Biyua lapuciêm-puypuy-hi.*

*O pajé Urussu, disse eu vou visitar lá a morte da cobra grande, chegou lá viu, subiu, acima na montanha kumarumã, no meio do mar, o navio da guerra ia passando olhou e viu a cobra grande, acima da montanha kumahumã, o comandante olhou no Bino[culo], disse e uma cobra, não sei se esta viva, ou morta, e uma montanha no meio do mar, só pedras, comandante disse ver mas perto, os soldados da guerra todos armados, no combate não [tinha] horas noite e dias, prontos para matar, pronto para morrer.*

*Fez dois sinal, de Canhão, dentro do navio, não mexeu o corpo do bixos, disse est[ão] mortos, chegou perto da montanha, olhou bateu fotos, tinha 3 pedaços 1º 2º, 3º toras, o corpo da Cobra-grande, tamanho de um abidão, [ele] disse foi nosso Navio que passou por cima da cobra atorou fez 3 pedaços, disse nossa invenção está segura, esta bôm, vamos continuar, fazer outras invenções. Parou [a] 2º guerra.*

Figura 6: a Mamã Djilo



Existem lugares no território Galibi Marworno que são sagrados. Não devem ser frequentados pelas pessoas. Certa vês aconteceu de um índio abusado que não quis ouvir e foi pescar onde não devia. Chegando lá ele pendurou um bucho de Tatu para atrair a presa, mas as pessoas do outro mundo não gostam de mau cheiro. Então o índio viu vindo do fundo da água uma mulher muito linda. Ela ficou olhando para ele. Ela tinha cabelos compridos e da cintura para baixo seu corpo era como o de uma Cobra Grande. Escapando com vida ele nunca mais foi pescar nesse lugar.

Texto e Arte de Elson Forte Galiby (Gowhey).



## XII

### 1940 — Acabou a 2ª Guerra

*[Em] 1940 — Nessa data — acabou a 2ª guerra, definitiv[amente] o Brasil estava em liberdade, os negros [e] os índios de diversas nações, fic[aram] muito alegres, os negros agradece[ram] muito ao pajé Urussu. Os índios Galibi Marworno agradece[ram] muito mais, disse[ram]: agora nós vamos embora em nossa terra, no nosso lugar, os negros [que estavam] amigados com os índios, com as índias, disse[ram]: nos mesmos ainda não va[mos] para nossa terra, nós vamos converçar com o cacique Xinuâ a respeito [de] nosso deslocamento.*

*Nos mesmo va[mos] ficar aqui mesmo no Oiapoque, mais próximos de nossas Sogras, com nossas esposas, filhos dos vilarejo[s] do rio Uaçá. [Os negros foram] conversar com cacique, o cacique Chinuâ disse se for aqui no Oiapoque, as mães, os pais, vai deixar, mas se for pra ir longe com as próprias filhas, os pai[s] e as mãe[s] não vai deixar. Hai [os negros] f[oram] ficar ai no Oiapoque, f[izeram] 1º casas no lado de S. Jeorje<sup>27</sup>. Fo[ram] essas pessoas negras e índios que morava[m] lá, que deixou essa língua patuar<sup>28</sup>, para nós, desde aquela data foi [que esquecemos nossa Gíria Galibi Marworno, fic[amos] com essa língua emprestada, o kheool, ate nesta data.*

*Nessa época os índios Galibi Marworno alimentava de peixes, de jacaré, de trakajas, de pirarukus, de pássaros, de caças, de beju, de farinha, mândioca de forno, de cozinha, com alguns pratos, faze[ndo] roças, plantas, pescarias, atiras, faze[ndo] canoas, faze[ndo] casas, faze[ndo] musquiteiro, vesti[ndo] roupas, aprende[ndo] a dançar cultura — todos essas [são] invenção e orientação dos negros (Africanos).*

---

<sup>27</sup> Nota dos Organizadores: topônimo localizado na foz do rio Oiapoque, atual comune de Saint Georges de l'Oyapock, cidade que demarca a fronteira da Guiana Francesa com o Brasil.

<sup>28</sup> Nota dos Organizadores: no relato, a língua geral afro-indígena da região do baixo Oiapoque é designada de diferentes maneiras, ora como Patuá, como Creóle e/ou Kheuól.



*Para pegar caças e peixes e os passaros, através de armas, cartuxo, pólvoras, espoletas, chumbôs, pegava os peixes de flexas, de anzol, de zagaia, de linha de caniço.*

*Nessa época [passaram] usar as roupas de algodão, vestido, saia, mahetet, vehese, as mulheres. Os homem usava [como] roupas calsa, camiza, cazeite, calção, mangas compridas, mangas curtas.*

*Não tinham profissão, os sistemas [eram] apenas pesca[r], caçar, fazer roças, comendo o que havia abeirando as ilhas, tira[ndo] frutas do mato para alimentar, cozinha[vam] sal com água, [mas] não tem fogão, somente com fogueiros, etc.*

*O transporte dessa época não tem motor, não tem embarcação, não tem lancha, não tem carros, não tem bicicleta, não tem avião, apenas canôa feita de toras de madeira, de Kupiwba, yaijá, bagax, um casco, remos feito de madeira, de Bua-pagaje, takahi, feito de qualquer um pau-zinho com ganx, que [era] o nosso transporte.*



### XIII

#### 1941 — Fundou Ilha do Posso

*Fo[ram o] 1º órgão e os militaristas na ilha do Posso, dos índios Galibi Marworno, no rio Uaçá, e um senhor que chama-se por Belarmino, um tenente militar, com motoristas, um cabo militar e motoristas. As 9:00 hs [da] manha, cheg[aram] os índios na Ilha do Posso, nesta data não tinha nem um estrutura de comunicação, nem radios, nem televisão, nem selula, nem mençagem, nem carta, nem bilhete, nem transporte urgente, nem educação, nem saude.*

*Os jove[ns], as crianças, os adultos, [eram] analfabetos, não sabia[m] nada de esperiência. Não tinha assistência nem uma, as casas estava todas espalhadas nas Ilhas, usava[m] roupas velhas, todas remendadas, as festas de tradição era[m] Turé. [Não havia] festa religiosa, não tinha igrejas, somente uma casa grande. Não te[nha] nada dentro, [essa casa] chamava-se lãngar, essa casa que representava todos, as pessoas, as de canoas, de Ilha em Ilha, nas casas todos cobert[as] de palha[.] Usava[m] as casas sem parede, sem sualhes, dormia[m] assim mesmo, tirava[m] folhas de açai, folhas de imtauba, por debaixo onde se deita, e dormiam, sem musquiteiro.<sup>29</sup>*

*Os negros de[ram] muitos exemplos para os índios, como é [que] se constr[oi] uma casa, de famílias para famílias, disse[ram] embora não tem nada dentro de casa, mas esta [deve] estar bem preparada. [Passaram] a morar com sualhe de pachiúba, com parede de paxiwba, com fugão de madeira, com terra na cozinha, bem preparados [no lugar] onde dormiam, e lá os índios aprende[ram] e começ[aram] a melhorar as casas, os sistemas, ainda outros índios e o mesmo ate nesta datas de ontem, o passado. Nessa época, quando chegou esses branco[s] militares, o Cacique manda [eles] de volta no mesmo dia, na hora.*

---

<sup>29</sup> Nota dos organizadores: note-se que os mosquiteiros ou mosquiteiras de tecido representam uma tecnologia indispensável para quem vive nos pântanos e campos alagados da região do Uaçá. Segundo Koko Tavi, essa tecnologia passou a ser compartilhada entre o seu povo pelos negros refugiados da faixa costeira guianense.



*Os povos indígenas, com o Cacique, não aceita[ram] o senhor Belarmino, com o senhor Bragança, que é o motorista dele. Entr[aram] nas áreas indígenas sem autorização, não tinha com[unica]ção nem uma, o Cacique, era analfabeto, não sabia falar português, nem entender. [Então] reuniu os índios e procur[ou] saber o que é que eles v[i]nham fazer, disse[ram] para o Cacique e os índios: nois viemos com ordem de coronel militar, não por mal, [mas] por bem de vocês.*

*É por isso, nois viemos falar com o Cacique, com voces população, ainda não é população, povos e vilarejos, apresenta[r] novas novidades para vocês, primeiramente é Educação, saúde, união, vocês mesmo que vai escolhe[r] um lugar melhor para se junta[r] vocês, para construir uma escola, para começa[r] [projeto] educacional, com as crianças, jovem, os adultos. Vocês precis[am] muitas coisas para beneficia[r] a saúde de vocês, a vida de vocês, educação de vocês[.] O Kacique pedi[u] para os povos, aceit[am] ou não[?] Disse[ram] não aceita[mos!] Manda [eles] de volta agora, nois não conhe[ce]mos esses tipos de pessoas assim, depois da reunião volta[ram os brancos] para Oiapoque.*

*O senhor Belarmino, com o senhor Bragança, chegou a Oiapoque, com um comerciante, por nome Jacinto, emcostou lá, falou com comerciante, contou o passado [com] eles nas Aldeias do Rio Uaçá, apresentou os projetos de ações para os indigenas, [mas] não nós aceita-o, manda[ram a gente] de volta no mesmo dia, são brabos os índios. O comerciante disse, Belarmino voces Fo[ram] com autorização[?], disse[ram] sim, com qual? Autorização, ele disse, o senhor Belarmino, com projetos do Comandante [do] Exercito.*

*O comerciante disse, faça uma baixa assinados, falso em nome da população, tu tem os fotos de tudos que tu viu, que tu fez, o tamanho do rio, como que esta, as aldeia, o nome da tribos[.] O senhor Sargente Belarmino disse, ta certo, disse para o comerciante pode me dar uma ajuda, elaborar um documentos, o dono de comerciante, disse sim, o senhor Jacinto, começou elabora[r] um documento bem organiza[do], em nome da população.*

*Quando termin[ou] de elaborar todos documentos. Esse senhor jacinto disse agora esta pronto os documentos, leva ou encaminha, em Brasílias na mão*



*do Presidente dos Indígenas, [o] Marechal Rôdô,<sup>30</sup> essa época, era o SPI, ficou um dia inteiro, com o senho[r] Jacinto, dormi[ram]. De manhã foram embora, Fo[ram] falar com o comandante, na cana-de-açuca[r], explic[aram] como [foi] o passado.*

*Disse o comandante, eu preciso falar bocalmente com o “General Rôdô”, em Brasília, quero apresenta ums documentos. O comandante foi a Brasília, chegou com General Rôdô, falou com Presidente Rôdô, correram atras dessas ações, a entrada nas áreas indígenas, com projeto do Exército, para faze[r] muitos trabalhos nas áreas, foi lá, com senhor salgente Berlamino, com Cabo Braganças, os índios, Cacique, não aceita as nossas apresentação de trabalho (os índio, o Cacique, pediu autorização da entrada, com assinatura do SPI) manda[ram] nós de volta no mesmo dia para que venha pegar autorização de entradas nas áreas.*

*Desapareceu um ano, sem que eles venham, depois de um ano, chegou novamente, [em] 1942, o senhor salgente Berlamino, e o senhor Cabo Braganças, As 6:00 horas da tarde, na Ilha do posso, foi com cacique Chinuâ Monteiro, [as] mesma[s] pessoas. Disse[ram] para o cacique Chinuâ Monteiro, venho apresenta[r] outros assuntos, outro projetos, vê[nho] entregar um documento na mão do cacique “Chinuâ Monteiro” e converça[r]. O debate sobre as ações [para] ão bem de vocês. Só que o Cacique não sabia o que é debate, projetos, assuntos, ele nem entend[ia] o português. No mesmo dia [o Cacique] reuniu os povos, a noite para com versa[r] com o senhor Berlamino e o senhor Branganca.*

*Nessa mesma reunião o senhor Berlamino apresentou e entregou o documento de autorização, na mão do cacique, perante toda a população, disse povos, eu venho com autorização do presidente General Rôdô, foi ele que é o chefe de voces índios de todos país — o símbolo SPI, que representa as leis de voces indígenas, e o projeto Rôdô, pois nois viemos essa segunda vez, para trabalhar junto com vocês. Através de projetos, Atraves de reunião, Atraves dos*

---

<sup>30</sup> Nota dos organizadores: é sabido que a Comissão Rondon fez uma incursão na região do Oiapoque no final da década de 1920, razão provável pela qual no relato o Marechal Rondon é reconhecido como o “presidente” dos Índios no Brasil. Sobre o assunto, consultar RONDON (2019).



*assuntos, Atraves dos debate, Através d[as] emparsserias com governo, com o nosso Presidente Indigena General Rôdô, com nossos comandantes militarista.*

*O nossos projetos — comessa[m] com saude, com alimentação, com ferramentas, só que o cacique não sabe falar, disse nós orienta nossos cacique em tudo, na mesma ocasião, na reunião, o cacique Chinuâ Monteiro, se entreg[ou]. Entregou [seu] cargo de cacique, disse ele para a população [que] não dava conta de trabalhar com Branco, nesses tipos de trabalhos [que] estao muitos complicados, disse o cacique, vamos escolher novo cacique, mais de[sem]volvidos, mais desembaraçados, mais fala[ntes], hai o povo dessidiu na hora.*

*O povo disse, vamos escolher duas pessoas para ser os nossos representante, [pessoas] bem forte, os povos, escolheu senho[r] Camilo Narciso [e] o senhor Joanê Santos, que recebe[ram] o cargo dos representantes.*

*O senho[r] salgento Berlamino, disse, o cacique vai ser Capitão, o viçe (ichate) vai ser Mânjo[r], falta[va] um para representante (Gôceie)<sup>31</sup>. O povo escolheu senho[r] Raimundo Gero[n]imos, vai ser delegado, nova lei, o senho[r] Berlamino disse Capitão Camilo Narciso, manjo[r] Joanê dos Santos e Raimundo Gereimo delegados, voces três, São nossos comandantes na de acuar, era 1º nome do Crevelandio do Norte, nessa época ainda não tinha nome corretos, de Crevelandias, para vocês 3, receber as garantidas de voces.*

*Depois da reunião [o] professor Berlamino começou fazer levantamentos dos alunos, crianças, jovem e adultos, para estudar. [Mas] não tinha onde os alunos Estuda[ren], comecou as aulas na casa lângar, casa de reunião, casa de dançar o Turé, casa de festas religiosas, uma semana de aulas.*

*Uma segunda feira ia[m] viaja[r] para Oiapoque leva[ndo] os lideres: Cacique Camilo Narciso, yót-nã Joanê dos Santos, conse[lheiro] Raimundo Geroimo, buscar as [suas] garantias, uniformes, com diversas leis assinadas.*

---

<sup>31</sup> Nota dos organizadores: aqui o autor Koko Tavi parece apontar para a deslegitimação da governança tradicional indígena e consequente inauguração das “patentes militares” impostas e distribuídas a pessoas indígenas e que se referem ao novo “sistema” de governança, proposto pelo conluio entre agentes do Exército brasileiro e o órgão indigenista.



*[Agora] não e mais cacique, é Capitão Camilo Narciso, não é mais yót-nar, e Mâjo[r] Joanê dos Santos, não é mais Gôceie, é Delegado Raimundo Gereimo.*

*Volta[ram] para a Aldeia, cheg[aram] na Aldeia do Posso, as 4:00 hs da tarde, as populações fic[aram] muito contente [porque] as novas lideranças, cheg[aram] com muito material da escola, professor Berlamino trosse presente para cada [um] dos alunos, dorm[iram], de manha, reuni[ram] todos os povos, apresentou frente dos povos, com uniforme.*

*Professor Bilarmino fez explicação, o que siguinifica esse uniforme, é uma garantia de grande respeito, é uma calça, um paletó, um bône e uma bota. E a lei [da] Republica do Brasil, a segurança do trabalho e respeit[o] das áreas de voces índios.*

*A partido de hoje, um capitão não é cacique mais, e um manjo não e yot-nat mais, e manjo[r], não é comceie mas, é delegado, tudo mudou da lei constitucional, podem obedecer o capitão, manjo, delegados. [A partir de agora] é Fachina, não é mais Kubahi.<sup>32</sup> Mas o professor Belarmino e o senhor Bragança são Exercito, é a lei. Foi o Exercito que fundou os indígenas Galibi Marworno no rio Uaçá, que é o 1º Território Federal do Amapá. Nessa mesma data, o senho[r] salgento Berlamino, comecou da[r] aulas para as crianças, os jovem, os adulto, não tinha nada de material da escola, sem cadeira, [todos] no chão ate chegar cadeiras da escola.*

*Já tinha um projeto entreg[ue] na mão do comandante do Exercito, sobre o material de datico, uma escola, uma enfermaria, escolh[ido] um luga[r] que da[va] para se junta[r] esses povos. O professor Berlamino já estava indo bem com os índios, do inicio de organização junto com o capitão, com mâjo[r], com delegado e os povos. [Ele] ficou licionando um mês na Ilha do Posso, esperando o projeto s[er] aprovado, para começa[r] trabalhar com os índios.*

*Um dia, era sabado, disse[ram] o capitão, mâjo[r] e delegado, [para] os povos, va[mos] viaja[r] de Oiapoque, [para] buscar recurso enquanto vocês está*

---

<sup>32</sup> Nota dos organizadores: palavra sublinhada pelo autor. Kubahi é o nome de uma palmeira, e também é o nome de um instrumento usado para penalizar pessoas que criaram algum problema ou romperam com uma norma da comunidade. O instrumento kubahi pode ser comparado a um mecanismo de tortura, pois imobiliza os pés e mãos da pessoa manietada, causando inchaço e dor.



*festejando festa religiosa de vocês. Domingo [teve] reunião geral, na reunião o capitão Camilo Narciso, mênjo Joanê dos Santos e delegado Raimundo Geroimo fez convite para professor Berlamino, e o senho[r] Braganças, para ficar e participá a noite [das] festas religiosos, deverte junto com eles, dança[r], bebendo. Professor Berlamino disse sim é o convite, é ordem, fic[aram] para passa noite com os povos, as 6:00 hs, chegou a comissão com [a] cultura dele: com tâmbô, com xaxar, com pandeiros, com viola, rebeka, conto, foguete, tamborinha, metxiçal, fogueteiro, canotxie. [O] professor Berlamino começou tira[r] fotos das tradição indígenas.*

*As 7:00 hs da noite, professor Berlamino, com senho[r] Bragança, foi visita[r] a festa dos indios, até meia noite, foram dormim, para viaja as 6:00 hs da manha a Oiapoque. As 6:00 hs, acordou, começou embarca as bagulho deles, na lância, terminou de embarca[r], começou despindir dos povos, ele já stava embarcado na lancha. O jovem indio (Gastô) estava encostado na parede, de sima na casa da festa, olhando como o professor Belarmino ia viajar, hai no mesma hora, chegou um indio bêbado e embarc[ou] na lancha do profess[o]r Belarmino, o apelido do índio [era] Bôrço. [Ele] disse para o Professor Belarmino, me ensina como atira[r] como arma, com esse riflos. Professor disse não, eu já vou me embora, quando eu venho eu lhe ensino, como atira[r], hai o índio borço, atentou professor Belarmino para ensina[r].*

*Hai, o Professor disse sim — pegou o riflo, começou a ensina o indio, Borço, como arma, o homem Gastâm, olhando de decima, e a pontaria do riflo, estava na posição, ou direção, do homem [no teto] da Casa das Festas. A mão do Professor Belarmino que bateu na travação do riflos, só de uma vez, quando percebeu caiu, o homem Gastôm, sem cabeça, o miolo dele foi engata lá encima dos comieiros, da casa. O cacique gritou disse, tem acidente professor, deu reação nele e caiu dentro da lância.*

*O senhor Bragança, que foi ajunta o Professor jogou água nele, recuperou, o motorista disse nós não mata, não e [culpa] nós[sa], a culpá foi do indio Bôrço, hai, os povos peg[aram] (Bôrço) e Bota[ram] ele no Kubahi, é a kadeia dos indios, pega e amarra, empurra debaixo da casa.*



*Quando o professor Belarmino recuperou, ajoelhou pedindo desculpa, pedindo perdão, disse ão capitão Camilo Narciso, não sei como aconteceu. O capitão Camilo disse não tenha medo, o senhor não tem culpa, o professor elabor[ou] documento pedi[ndo] assinatura do capitão Camilo Narciso, do mânjo Joanê, delegado Raimundo Geroimo e dos povos, leva[ndo] ao conhecimento do comandante dos Exercitos para envia[r] a Brasilia, ao Presidente do SPI, General Rôdôm. Na mesma hora foi embora o Professor Belarmino e o senhor Bragança, desde essa época até hoje, não voltou mais nem a nutiça do professor que Era do Exercito.*

Figura 7: os Instrumentos do Pajé



*As pessoas do meu povo perderam a habilidade de lidar com a religião dos ancestrais. No desenho acima eu mostro os instrumentos e armas do Pajé que estão abandonados na floresta. O bastão de Pairá é feito de uma madeira que não acaba nunca, ele é a arma que o Pajé costumava carregar com ele. O recipiente grande é a Cuy da onça; o Panêro Pag-á é onde o Pajé guardava o resto do tabaco; também vemos o Maracá do Pajé. Esses instrumentos de poder estão soltos, porque ninguém tem mais o conhecimento para usá-los. Esses objetos estão pendurados nos cipós de nosso território, porque eles são eternos e não tem mais ninguém que pode usá-los.*

*Texto e Arte de Elson Forte Galiby (Gowhey).*

## 1944 — Fundação Nacional do Índios — SPI

[O] 2º Orgão do SPI, que foi continua[r] os projetos do comandante do Exército, no rio Uaçá, no Território Federal do Amapá. O 1º chef[i]a do SPI [foi] Senhor Eurico Fernando, na Aldeia indígena Galibi Marworno, [teve como] vice o Senhor Raimundinho, que entrou com autorização do SPI, o presidente do SPI, General Rôdô, projetou ações a onde [h]abitava indígena, Galibi Marworno. [Rôdô] emcaminh[ou] os representante Branco para iniciar os projetos que já estava no “ato” do presidente do SPI, ao comandante do exercito, pedindo para iniciar as ações dos índios novamente, nas áreas do rio Uaçá — o presidente indígena, disse não, já aconteceu o que aconteceu.

Porem o SPI que continuou, o projeto, hai foi [que] começou novamente com o senho[r] Eurico Fernando, e o Senhor Raimundinho. Cheg[aram] as 10 horas da manha, num moto[r] de popá por nome Verude, no vilarejo do Posso. No mesmo dia, reuniu os povos, apresentou a relação do rapaz que fez acidente, por nome Gastôm, disse[ram] que é pruibido branco [fazer] entradas nas áreas indígenas. O senhor Eurico Fernando, disse, primeiramente nois vamos uni[r], ajunta[r] os povos, e escolhe[r] um lugar onde para construir uma escola.

O capitão Camilo Narciso, e o mânjo Joanê, disse sim, fez reunião geral, com os povos, começa orienta os povos, explicando não é por mal, e por bém, dos nossos filhos, netos, irmão, irma, proprio os pai, as mãe, os adultos, os idoso, os povos aceitou, todos concordaram, o capitão disse, a onde? Aqui mesmo, ou outro lugar, qual é o dia vai começa[r]?

Respondeu o chefia o senhor Eurico Fernando, disse amanha mesmo, nós já tem as ferramentas, para dividir cada pessoa, o Senhor Fernando, distribuiu para cada Familia, para trabalhar, nessas construção, de manha todos os homem índios, foi começar trabalha[r] o 1º lugar, onde para construir a



*primeira Escola, começou roçar, o lugar da escola, e assim começ[ou] a Aldeia Santa Maria [dos Galibis].*

*Começou trazer material da Escola de madeira, a escola foi construí[da] bem preparada, com uma sala bem grande, bonita, coberta de telhas de barro, os povos fic[aram] muito contentes, cada qual, começou escolher o lugar onde fazer as casas deles, para estudar. A primeira professora, Ramira, começou matricular as crianças, os jovens, os adultos, [para] começava[r] estuda[r].*

*A Professora[a] Ramira foi com capitão Camilo Narciso, disse que não dava conta, com 3 equipes, porque crianças, de 1 ano, de 5 anos, de 7 anos, de 10 anos, de 15 a 18 anos, para dividir, essas crianças ver quando aluno que vai estudar, em cada grupo, são muitas crianças.*

*O senhor[r] capitão Camilo Narciso disse — Vou começar com nossas chefias Eurico Fernando, pedir outras professoras, momento vai para com adultos, com os jovens, até chegar outras professoras, vai iniciar somente de criança de 7 anos em frente.*

*Depois de um ano chegou, mais uma professora Doquinha, 1949, começou aula com a professora Doquinha, na Aldeia Santa Maria.<sup>33</sup> A professora Doquinha, matriculava os jovens, os adultos, era uma professora muito qualificada, ensinava os alunos de tudo: de costura, borda[r], desenho, faz[e]r roupas, higiene, aprende[r] a planta[r] flores. No dia 7 de setembro, saia[m] muito bonitas, os alunos todos com uniforme, que o governo doava aos alunos, as meninas com saia azul, blusa branca, os meninos com calça azul, as camisas brancas.*

*Assim começou Aldeia de Kumarumã, os alunos começaram aprende[r] a ler, escrever, aprende[ram] fazer muitas coisas boas, começou crescer a Aldeia Santa Maria, os povos começava se ajunta[r] todos e fez só uma vila, alimpava a escola, [ela] ficava muito bonita. A escola funcionava, bem organizada, o senhor[r] Eurico Fernando, conversa com capitão Camilo Narciso, com mênjo*

---

<sup>33</sup> Nota dos organizadores: Santa Maria dos Galibis parece ser o nome imposto pelo SPI para o novo aldeamento, mas o nome que prevalece para a grande aldeia até o presente momento é Kumarumã. Segundo a anciã galibi dona Elza (comunicação pessoal – 2017), nessa ilha fazem os restos mortais do Pajé Arumã, por isso as pessoas diziam antes: “vou morar com Arumã”, quando aceitaram se concentrar com os grupos familiares perto da nova escola e enfermaria do governo. (Dona Elza – comunicação pessoal – 2017).



*Joanê, sobre o porto do emcruz, entrada, rio kuripi, rio Uaçá, que pertence ao porto do SPI. Lá que morava o chefe do porto, o senho[r] Eurico Fernando.*

*Dele venha visita[r] as Aldeias, venha [fazer] reunião, o senho[r] Eurico Fernando, apresenta[r] para os povos, se aceitava[m] para por um fazendeiro, aqui mesmo de baicumum, para voces indios, em nome dos povos, para voces se alimenta[rem] com as carnes, com o leite, vinha 200 cabeça de gados comum, cavalos, vaqueiros branco: Raimundo, sivilizado, vinha ensina[r] os indios, vai precisa[r] por esses indios para trabalha[r] juntos, aprende[rem] a ficar, no luga[r] desse vaqueiro.*

*O Inspeto[r] da Fazenda — senh[or] Dijalma, hai vai melhorar bastante a alimentação para os indios, hai vai creçer muitos mais [a] Aldeia Santa Maria. No dia 19 de Abril, dia dos indios, mandava matar 2 gados, dividindo para todos os povos. No dia 07 de Setembro, tambem mata[vam] 2 boi, divid[indo] para cada aluno, o que sobra[va] divid[ia] para os povos. La um dia o chefe Eurico Fernando, resolveu de viaja a Brasílias, avisou capitão, mânjo, delegado, e os povos.*

## 1952 — A 2º Chefia — SPI

*[Em] 1952 — foi o 2º chefias apresentou o senh[or] Raimundinho, que vai ficar, responsável como chefe, até na chegada, os povos, disse ta bom[!] As 6:00 horas, da amanhã, viajou o senho[r] Eurico Fernando, ficou assumindo o cargo, como chefias, e senho[r] Raimundinho. [Em] 1952, os indios já estava[m] todos unidos, juntos, festejava[m], dançava[m] festas religiosas, dançava[m] festas Turé, já tinha escola, transporte, já tinha posto em cruz, já tinha fazenda de boi comum, já tinha empregados do SPI, dentro da área indígena. Já tinha as igrejas catolicas.*

*O senho[r] Raimundinho ficou trabalhando com os indios Galibi Marworno, na Aldeia Santa Maria, visitando as Aldeias, começou, o motorista de[le] era o senhor Vito. Senhor Raimundinho criou outras lei, não parava no posto em cruz, de vez em quanto ia ao Oiapoque, ficava la ums tempos, deixava o posto em cruz bem responsavéis.*

*[Em] 1954, o senho[r] Eurico Fernando, mandou um documento para o capitão Camilo Narciso, ão mânjo Joanê, disse, eu não venho mais, eu estou doente, não tenho previsão certa [para] a minha volta na Aldeia Santa Maria. Disse apartido de hoje, quem que vai se[r] o chefe de vocês é o senho[r] Raimundinho, o motorista dele é o senho[r] Vito. No dia do reunião o senho[r] Raimundinho se apresento[u] perante os povos, foi ele que é o chefe de vocês, os povos disse todos bem. Começou assumindo, tinha 3 festas religiosas, Santa Maria, padroeira da Aldeia, Santo Antonio e Santa Nuzia.*

*Os indios festejava as festas deles, na Aldeia Santa Maria. Dia 4 de Agosto de 1954, os indios [com] os movimentos na casa das festas, a noite, as 09;00 hs da noite venha o chefe Raimundinho, com o motorista dele o senho[r] Vito. Os povos começ[aram] dançar, os jovem, com bebidas de tradição, kaxixi, as 9:00 horas da noite, chegou na casa das festas. Disse quem é que o dono da festa[?] As pessoas diss[eram]: Kundu, Gaho, Banhado, Maká, são os 4 festeiros.*



*Hai ele foi na cozinha, disse para Kundu, quem é o dono da festa[?] O índio kundu disse[:] só eu, chefe, respondeu. [E]u não sou chefe, eu sou amigo de vocês, o chefe de vocês foi embora. Me de um pouco de caxixi, eu quero prova[r] as bebidas de vocês, hai os donos da festas disse ainda não posso, o senho[r] Raimundinho disse, não: eu quero assim mesmo, com bagasso mesmo.*

*Hai, de[ram] pra ele, numa kuia, o senho[r] Raimundinho, a provou, disse: isso, não é bebida é um mingão, não tem nem um xero de bebida, hai os donos da festas ficou olhando, o senho[r] Raimundinho disse para os donos da festa: vocês querem ver bebidas[?] Disse para o senhor Vito, vai busca[r] 10 garrafa de cachaça, vai rapido, o senho[r] Vito foi busca[r], não demor[ou] chegou com 10 garrafa[s] de cachaça dentro de um barco.*

*[Então o chefe] disse para os donos da festa, vamos bebe[r], ai disse para o motorista dele senho[r] Vito, destampa duas garrafas, fica aqui comigo uma garrafa, e vai repartir uma garrafa para cada um, seja qualque[r] um, disse para os donos da festa, vamos bebe[r], ai ele deu para as mulheres, os jovem, terminou puxou outro, bebe na porrada, se não bebe[r] joga em ti a cachaça, os povos não disse[ram] nada, dançava[m] com suas mulhe[res], bejava[m] suas mulhe[res], se reclama[ssem], xicotão nas sua costas.*

*Desde a data de 04 de Agosto de 1954, o senho[r] Raimundinho começou muda[r] o sistema com bebida au vivo. Os índios não ficou gostando do sistema dele, desmoralizava[m] as mulheres dos índios, as filhas môças, as casas, tudo isso ele fazia nas aldeias dos índios. Ele venha obrigar as pessoas, ele vinha reforça[r] as pessoas, não t[inha] moral para assumi[r] as chefias.*

*Os índios, ai reclamaram para os cacique deles, para manjo[r] deles, para delegados deles, os índios disse: nos vamos preparar na derrubação da festa do dia 15 de Agosto, se ele venha novamente com esses costume, ou por bem, ou por mal, ele não tem respeito, ele obrigava seja qualque[r] um. [Ele dizia]: fecha bôca, não fala nada, não tem permissão com ele, di[zia] o índio não vale nada, pegava a mulhe[r] do homem, agarrava, beijava, [na] frente do marido, hai ele ia embora.*



*Os índios se organiz[aram], preparou as flexas, os cacetes de pau, tudo pronto. Dia 10 de Agosto de 1954, chegou um índio jovem com idade de 25 anos, ele vinha de São Jorge, ele é descendente Galibi Marworno, ele é raça dos negros, o pai dele é negros. Vinha visita[r] os parentes, visita[r] os irmãos, as irmã, vinha passar festa com a tia, com os avós, ele [era] jovem, bonito, forte, chegou na aldeia, se encontr[ou] com uma moça e se amigou. Hai a mulhe[r] dele disse para o marido dela, eu vou-lhe conta[r] uma coisa, esta chegando as festas dia 15, venha um chefe, senho[r] Raimundinho, ele venha faze[r] tantas coisas com agente, ele venha e obriga qualque[r] pessoa: ou dâança, ou bebe, ou chicote nas tuas costas.*

*E por isso, se ele venha nós não va[mos] na festa, tu esta sabendo disso, ele é muito brabo, hai o rapaz foi com a avó dele, chegou com os avos, contou novamente para o netos, chama por nome dele Tótó, e assim esse chefe fazia com os povos, de vez em quantos maltratava os índios.*

*Figura 3: Mak Kay Atxipa*



*É um trançado de cabelo de difícil execução que as mulheres Galibi Marworno usam nos rituais do Turé. É um penteado que dura a noite inteira e não se desmancha com os movimentos da dança. A mulher usa o Kay Atxipa porque ele traz a marca do Talmatá, também utilizado nos mastros e bancos do ritual em respeito ao Cobra Grande, cuja cabeça tem a forma do Talmatá.*

*Texto e Arte de Elson Forte Galiby (Gowhey)*



## XVI

### 1955 — A Festa de Santa Maria

*[Em] 1955 — [n]o dia 4 de Agosto, Festejou 1º levantamento do mastro. [No] dia 15 de Agosto de 1955 foi a 2º derrubação do mastro da Festa de Santa Maria, nesse dia os donos da festa ouvi[ram] a zuada do moto[r], disse[ram] já venha o chefe Raimundinho, com Vito, quando chegou [ele] foi direto na casa da Festa. Pidindo quem e que esta continua[ndo] ainda a Festa, disse é o mesmo, os donos da festa disse[ram], não tem cachaça para Branco, nós temos caxixi.*

*Disse eu [não] quero bebe[r] caxixi, eu tenho minha cachaça, eu vou buscar, ele foi buscar troux[e] 3 garrafas de cana, disse para dono da festa, vamos beber. Começou distribuir a cachaça para os indios, começou jogando a cachaça nos homem, nas mulheres, nos jovem, começou puxar mulheres para dança[r] com outros homem, com outros jovem, cuid[da]do com xicotado nas costas, começou beijando as mulheres, começou dança[r] no meio da sala, com garrafa da cachaça no rim, e bebendo, da[ndo] uma dosa para cada mulheres, começava, sentava no meios da mulheres, não tem respeitos de ninguém, a busava dos povos, fazia as mulheres dança[rem] esforçadas, fazias os homem dança[rem] aforçados, disse aquele que achava mal, vai entra[r] no xicote.*

*Jogava a cachaça na cara dos homem, nos jovem, nas mulheres, nessa ocasião chegou o rapaz com a mulhe[r] dele, a mulhe[r] deles foi senta[r], o rapaz mesmo ficou empé. As 9:00 hs da noite, o indio por nome “Tótó”, o senho[r] Raimundinho chegou no lado da mulhe[r] do indio “Tótó”, disse para mulhe[r] dele, vai dança[r], ele foi puxou a mulhe[r] para dança[r] com outros.*

*A mulhe[r] disse, perdão muxe, eu te[nho] meu marido. [Ele] disse que marido, quede teu marido[?] Ela disse esta aqui empé, hai se passou para o rapaz “Tótó”, disse você porque não dança, hai o indio repondeu: muxe eu não danço, então bebe, o índio respondeu, não muxe eu não bebo. Hai o senho Raimundinho, disse, tu não quer dança, nem bebe, tu vai entra no xicote hoje, ai ele puxou o xicote do rim dele, ai o indios disse[ram] pode meda com xicote,*



*ai, o senho[r] Raimundinho, balançou o xicote no indio, ai os indios só acompanha ele era bem no pescoço, erro e acerto no peito do senho[r] Raimundinho.*

*O golpe inorme, não tem tamanho, abriu mais de 3 palmo de largura, hai ele caiu, quando cai Raimundinho, os povos não de[ram] tempo, nem um minutos, [todos] de porradas nele, de mão, até que não podia [mais] se mexer, nem inxergar, nem falar, bota[ram] ele no Kubarri. [Preso] no kubahi ate de manha, as 6:00 hs da manha. Jogar[am] ele na canôa, e 6 homem foi a companha eles na entrega [para] o comandante do Exercito, deix[aram] ele e volt[aram] para a aldeia.*



## XVII

### *[Ilegível] – 1º Fazenda do SPI na Comunidade Indígena*

*[Um] Projeto do SPI aprovou 200 peças de boi comum para [por] em nome dos indígenas Galibi Marworno, na aldeia Santa Maria, com um técnico de vaqueiro, senho[r] Raimundo, [que] vai precisa[r] dos índios para ensina[r], aprende[r] a trabalhar com os animais. [Vieram] 8 cavalos, de 4 pés, com um ispeto[r], com um funcionário braçal, senho[r] Santano. Dava muito leite, e os índios [iam] busca[r] leite, no corral.*



## XVIII

### *1965 – Professor espei(ilegível) do 3º Chefias*

*[Em] 1965 o senho[r] Dijalma Esfait, assumiu o Kargo de chefe do posto nas aldeia indígenas [do] Rio Uaçá, Kuripi, e Urukawa, Galibi Marworno, Karipuna, Urukawar, são esses 3 rio, [com] o senho[r] Dijalma Esfait. Nesta data SPI, mudou a lei, todos as aldeias ficou mais tranquilas, tinha muitas manutenção que o senho Eurico Fernando, deixou no posto em cruz, muita gente trabalhava, os Exercitos, funcionarios do SPI, tinha muxe-arifados. Os indigenas jovem de Kumarumâ, de Urukawar, de Kuripi, trabalhava[m] nessas maquinas, faz[iam] tijolos, telhas, para vende[r]. Para o comandante exertos, os indigenas vendiam os produtos deles, coro de jacaré, as carne de jacaré. Tudo compravam dos indios, tukunare salgado, capivaras salgadas, arrubas pôr arruba e assim faziam.*



## XIX

### 1966 – Mudou a Lei e Acabou as Cadeias

*[Em] 1966 — o senho[r] Dijalma Esfait — foi na aldeia de Santa Maria, falou com capitão Camilo Narciso, com mânjo Joanê dos Santos, com Delegado Raimundo Geroimo, a respeito das mudanças das lei[s] indígenas. [Agora] mudou capitão para cacique, mudou manjo[r] para vice-cacique, mudou delegado para conselheiro, mudou Kubahi para fachina, mudou nome de Santa Maria para aldeia Kumarumã, mudou Posto em cruz, para posto de Vigilância, mudou o nome da escola AGP, de Kumarumã, para E. E. Camilo Narciso.*

*Acabou com o cadeio — siquinifica prisão, hoje em dia só fachina, nos postos no tabocal, se tiver um crime é 5 mês de fachina, no tabocal, não tem horas, não tem noite, não tem dia, nessa épocas, ante se casa, é 5 mês de fachinas, no tabocal.*

*O senho[r] chefe do SPI, sr. Dijalma, ia fazer festas todos [os] sabados em cada as aldeia: Kumarumã, kuripi, Urukawar, uma semana de festas, nas aldeias, com senho[r] Prefeito Rôcô Perna Forte<sup>34</sup>, levava[m] aparelhos de som, um gerado[r], fazias as festas com os indios, com os jovem, môças, rapaz, com os pai, com as mãe, sem bebidas somente comidas, mandava mata[r] 2 boi, p/ dividir para os povos, de casa em casa, levava algu[ns] presente[s] para os pai e as mãe,*

*O senho[r] chefe, Dijalma, amigava com a[s] filhas dos indios, dava um espingado, ou um forno, para os pobres índios. [Fazia] um ou dois filhos com a menina, depois larga[va] a meninas na casa do pai, sem dar nada de ajudas do pai, não foi mais visita as aldeias, somente, vendias tudo patrimonho do luga,*

---

<sup>34</sup> Nota dos organizadores: pelo contexto, refere-se o autor a Rocque de Souza Pennafort, paraense de Afuá, migrado para a região do Oiapoque no início da década de 1920. Filho e sobrinho de militares da guarda nacional, Rocque – cujo nome entre os indígenas era pronunciado Rôcô – foi o oitavo prefeito nomeado de Oiapoque. Seu mandato durou treze anos, de 19 de abril de 1949 até 31 de dezembro de 1962. Sobre o assunto, consultar o livro de Sônia Zaghetto (2019).



*tinha 200 cabeça do gado, ainda o restos, 6 cavalos, diminuiu a escola, mas pequenos, autorizou [o] Execito a entrada de Bufalos.*

*O senho[r] salgento Solidão, falou com cacique Camilo Narciso sem comunicar os povos, nem vice cacique, conselheiro não sabia ainda da entrada do bufalo, dentro da área indígenas Galibi Marworno. Pagou o cacique Camilo Narciso, com um[a] arma de fogo, o cacique aceitou, as população nem sabias, quando percebeu chegou 3 bufalos na aldeia, kumarumã, as ficou preocupados com esses animais, hai as população fez procuração a entradas desse bufalos, sem permissão, fez reunião geral, com cacique, com chefe do SPI, com comandante, do Execito, com vice cacique, com conselheiro e populações.*

*Disse, o comandante do Execito, quem que nós autorizou a entradas e chefe do SPI, de voces e o capitão de vocês, paguei com um espingardos supe[r] novos, as população ficou calad[a]. O senho[r] comandante começou falar, disse [o] exercito, vai ajuda[r] voces, na educação, na saude, no transporte, alimentação, leite, carne, roupas para os índios, nos não va[mos] deixar os bufalos, passa[rem] para a aldeia. O senho[r] chefias de vocês vai esta[r] juntos com exércitos, pidir recuros para voces, as população não deu respostas, o mânjo Joanê dos Santos, o delegado Raimundo Geroimo, as população ficou desconfiados, com senho[r] Dijalme Esfait, com cacique Camilo Narciso.*

*Ficou avaliando os bufalos, com o chefias, com cacique Camilo Narciso, primeiramente os bufalos, começou corre[r] atras das pessoas, come[r] roupas das pessoas, os bufalos começou ficou brabos, os índios não podia i[r] para roças, não podem ir pescar, o rio ficava cercado de búfalos. Os índios comecava prejudicando as populações. Os índios comecou a reclama[r] do capitão Camilo Narciso. O cacique Camilo Narciso se arrependeu se, falou com vice cacique Joanê dos Santos, conselheiro Raimundo Geroimo, disse vamos reunin, sabados, em geral. Pela parte da manha, com tod[a] a população.*

*[Em] 1967 — O cacique Camilo Narciso, vice cacique, Joanê dos Santos, se entregou o cargo, pediu demição para populações, no dia da reunião, disse o cacique nós estamos entrega[ndo] nosso cargo, na mão das população, para escolhe[rem] umas pessoas que tem coragem, que tem estudo, que saiba fala[r], que saiba batalha[r], que saiba le[r], escrever. O Raimundo Geroimo, vai ficar*



*trabalhando junto com essas pessoas que vocês vai escolher. Nós já esta[mos] pôr  
foras, agora apoio nós da, disse[ram] p[ara] a população.*

*No mesmo dia da reunião, escolhe[ram] o 3º cacique da aldeia  
Kumarumã, o senho[r] Indio Manoel Floriano Maçial, muito desenvolvido. Ele  
foi Eleito pela voz da população, ficou com nome ainda capitão, delegado, hai, o  
cacique Floriano Marcial começou trabalhar, mexeu com uma casa de  
encontra[r] com as população: na reunião, para festeja[r] festa religiosa,  
dança[r] Turé, construiu esse barracão mais proximo da casa do cacique,  
Floriano Maçial.*

*O senho[r] cacique Floriano Marcial, trabalhava em prou dos indigenas,  
através de cooperação através de coleta, disse cada um com seus equipes de  
trabalhos dá s[ua] contra partido, em dois dia aprontou, o barracão, coberto de  
palhas, suas de tabuas, meia parede, fez um sanitario, fez uma cozinha, fogão,  
fez bancos, duas mesas.*

*Chegou o prefeito Onotôno<sup>35</sup> na aldeia Kumarumã, as 4 horas da tarde,  
foi com o cacique Floriano Macial, começou fala[r] com cacique, sobre a  
comunidade, disse venha visita[r] aldeia, ver o que é [que] esta precisa[ndo],  
junto com o senhor Dijalma chefia do posto SPI, o senho[r] Perfeito Onotôno,  
pidi votos, para s[ua] segundo candidat[ura] ão prefeito Oiapoque, hai o  
cacique Floriano se encostou no lado do prefeito Onotono, através [da] política.*

*O cacique Floriano Marcial — disse para Prefeito Onotôno[:] vamos  
negocia[r], responde prefeito Onotôno[:] me conta tudo o que vocês, esta  
faltando, na sua aldeia, hai o cacique Floriano Macial fez um depoimento, de  
todos o que é que mas nós prejudicar é a Fazenda Suraimun<sup>36</sup>. O exercito esta  
dando muitos prejuízo, para nois em nossas areas, é por isso, eu sou cacique da  
aldeia [K]umarumã, as população[,] disse o cacique Floriano Macial[:] esta  
procurando nossos direitos. Foi por isso solicitamos ão senho Prefeito Onotôno,*

---

<sup>35</sup> Nota dos organizadores: nome grifado pelo autor. Provavelmente trata-se de nome pronunciado em kheuól do Tenente Onotônio, prefeito do Oiapoque no início da década de 1970, segundo o registro de Sônia Zaguetto (2019).

<sup>36</sup> Nota dos organizadores: grifo de Koko Tavi. Suraimun ou Soraimon é o nome da ilha onde o exército brasileiro construiu as instalações para a fazenda de criação de búfalos, no centro do território marworno.



*pode nós dar ajuda elabora[r] um baixa assinada, os Eleito vai ajuda, com votos  
ão senho Prefeitos Otonono.*

*O senhor Prefeito Otonono, disse[:] cacique, fala com P[adre] Nelhe<sup>37</sup>,  
para elabora[r] um documento, para enviar ão Presidente Indígena disse,  
prefeito Otonono, para cacique Floriano Macial. O senho[r] P. Nelhe trabalha  
com os indios, ele e Indígenistos, hai não paga nada, o prefeito Otonono, disse ão  
cacique Floriano Marcial (...)<sup>38</sup>*

---

<sup>37</sup> Nota dos organizadores: Trata-se do Padre Nello Rufaldi, clérigo italiano do Conselho Indigenista Missionário (CIMI) que atuou fortemente em favor dos povos indígenas na região do Oiapoque, notadamente no curso da ditadura civil-militar brasileira. Sobre o assunto, consultar Beltrão e Batista (2018).

<sup>38</sup> Nota dos organizadores: aparentemente, esta parte do texto restou inconclusa.



## *Posfácio*





## ***Porque a Guerra dos Parnã não tem Fim?***

*O antigo território do meu povo era conhecido como Parimã ou Amapa'Ú, mas com a entrada dos não índios em diversas guerras, fomos espalhados e expulsos em nossa própria casa. Depois o meu povo teve de se concentrar em pequenas ilhas contornando os campos alagados, no alto rio Uaçá.*

*Os Galibi Marworno são descendentes de povos Caribe e Aruaque que se reaguntaram no rio Uaçá. Ao chegarem ali tiveram conflitos com outros indígenas por causa do território. O meu povo Galibi Marworno não tinha uma aldeia fixa onde todos podiam habitar. Nessa época moravam debaixo das matas, nas cavernas, nas baixadas das montanhas, abeirando os igarapés, tinham uma outra cultura.*

*Procurando um lugar melhor, os Galibi Marworno saíram em um campo muito bonito, com um vento suave, ilhas, lagos e buritizais. Falando entre si eles disseram para que cada um escolhesse seu lugar para fixar sua família. E voltaram para buscar os outros amigos e irmãos. Quando voltaram com todos os seus familiares, cada grupo familiar se concentrou em uma ilha. Essas são as primeiras aldeias Galibi Marworno no alto rio Uaçá.*

*Com o passar dos tempos a população aumentava e eles foram visitados por Crioulos, por Karipunas, por Palikures e por Portugueses, mas a amizade era mais forte com os negros porque eles trocavam conhecimentos, culturas e se casavam entre os indígenas. Muitos dos negros que vieram morar junto com o meu povo foram fugindo das guerras dos brancos. A guerra mundial estava muito forte e os brancos queriam os negros para lutar e morrer nas suas guerras. Os Galibi Marworno concordaram em receber os negros e protegê-los.*

*Nossa paz durou pouco, pois quando parou a guerra entraram os exploradores de pau rosa, eles chegavam impondo suas leis, obrigando os indígenas a trabalhar forçado, contrariando o sistema de troca da Guiana. Depois chegou o Serviço de Proteção ao Índio (SPI) reunindo as aldeias todas em uma só. Escolheram a ilha do Kumarumã. Trouxeram outras leis, chefes, capitães, dizendo que iam organizar os indígenas. Muita coisa mudou e logo entrou o exército para implantar um batalhão de militares na ilha Suraimõn.*



*A entrada do Serviço de Proteção ao Índio ajudou para que a gente pudesse esquecer a nossa língua Galiby. Na época do SPI as crianças também eram proibidas de falar o kheuól e eram espalmadas com palmatória na sala de aula. Por isso quase nós esquecemos o Kheuól também, mas quando o Conselho Indigenista Missionário chegou, o Padre Nello ajudou com os professores para ensinar a ler e escrever na língua kheuól. A nossa língua não tem só o Kheuól da Guiana, ela tem algumas palavras no português porque o aluno indígena é obrigado a se virar nas duas línguas, por isso algumas palavras já são aportuguesadas.*

*Nós organizamos nossa vida de um jeito diferente dos brancos. Temos outro sistema de educar e conviver com as pessoas. Quando nossas crianças nascem elas precisam primeiro passar pelas mãos dos mais velhos para que eles a preparem para o mundo com cânticos, assopros e banho com ervas medicinais. Existem trabalhos de homem e trabalho de mulher que as crianças aprendem desde cedo, porque a preparação do corpo e as habilidades são desenvolvidas pelo costume, se uma pessoa ficar isolada da comunidade ela acaba adoecendo, por isso desde cedo as crianças pegam o ritmo da comunidade.*

*Nosso mundo funciona pela sabedoria que viemos da natureza, das plantas, animais e outros seres, por isso que as plantas, os animais e os seres do outro mundo se comunicam com a gente. Nossa vida após a morte é vivida na Pei Solei, a Cidade do Sol, é para lá que as pessoas vão acompanhadas pelo Pajé, quando morrem. É um lugar sem guerra, sem dor, sem sofrimento, sem saudade, uma cidade maravilhosa que só os pajés conseguem ver.*

*O Turé é importante para nós porque é do mundo espiritual que o nosso Pajé Guerreiro recebe sua força. O Pajé é o maior guerreiro de um povo e ele recebe uma grande força do mundo sobre ele. Sentando no banquinho no meio do Laku, fumando seu tawari e sacodindo seu maraká, o Pajé chama o Cobra Grande para ficar ao redor da aldeia e nos proteger. Você não vê, mas todo mundo é ciente e respeita o Pajé, para que não aconteçam coisas erradas que levam a morte. Das outras festas religiosas que existiram como Santa Maria, São Sebastião, São João, São Pedro e Santa Luzia, só ficou a de Santa Maria, além do Natal, Ano Novo e as festas evangélicas.*

*Eu fiz um pequeno desenho que mostra muitos problemas que temos por causa da entrada de outras culturas em nosso meio. Esse desenho simboliza os seres espirituais*

que ficaram sem controle desde que perdemos nossos pajés. Esses seres de outro mundo estão soltos no nosso mundo, procurando um dono para fazer amizade. Nós chamamos eles de Karuãnas, eles são como bichos, onças e predadores que precisam de alguém que cuide. Alguém que converse e cuide para que não ataquem as pessoas. Eles tem a força de nossos ancestrais, são muito poderosos. Não tem mais ninguém que domine eles, porque não existem mais pajés.

No desenho abaixo eu mostro o bastão de Pairá, esse bastão é feito de uma madeira que não acaba nunca, ele é a arma que o Pajé costumava carregar com ele. A Cuy da onça, o Panêro Pag-á, onde o Pajé guardava o resto do tabaco e o Maracá do Pajé. Todos esses objetos de poder estão soltos no território. Esses objetos estão pendurados nos cipós porque eles são eternos e não tem mais ninguém que pode usá-los. Perdemos nosso líder maior, o Pajé Curandeiro. Então todas essas coisas e todos esses seres estão soltos e isso é um problema sério.



A liderança Galibi Marworno é responsável pela comunidade. São eles quem fazem as normas que a comunidade aprova. Nosso sistema jurídico funciona através das punições, quando alguém comete briga, bebedeira durante a semana, ou matar pirarucu fora da época, essas pessoas são punidas dentro da comunidade. Os que derramam sangue ou ferem outra pessoa sofrem outras penalidades, no Encruzo, são entregues ao tabocal com sangue-sugas e mosquitos, tudo depende da época em que se recebe a punição.



*Somente em 1991 a terra do meu povo foi demarcada e homologada. Depois disso a população aumentou bastante. Nossos costumes de casamento mudaram, antes um jovem só se casava dos vinte anos prá frente. Agora com quatorze anos prá cima já se casam e passam a morar na casa da mulher. Os casamentos interétnicos também ajudaram a multiplicar o povo Galibi Marworno. Entraram as famílias Figueiredo, Forte, Yoyo, Nunes e outras, para se casarem e viverem entre nós.*

*Como um líder de meu povo Galibi Marworno eu falo que algumas mudanças foram ruins para nós. A vinda de outros sistemas religiosos que ninguém conhecia criou muita briga entre o meu povo. Eu considero minha responsabilidade acabar com as brigas entre o meu povo, acabar com os traumas e voltar aos nossos conhecimentos que eram bons para nossa vida.*

*Uma coisa que sempre ocupa minha cabeça é porque os parnãn (brasileiros) não param com a guerra contra os índios. Mesmo quando não sofremos isso no Kumarumã, sempre temos notícias de como nossos irmãos indígenas são massacrados.*

*Entre o meu povo, posso contar a morte recente de três pessoas Galibi Marworno. O primeiro foi espancado até a morte e depois o corpo foi atirado de cima de uma ponte para baixo. Ninguém foi preso e ainda dizem que ele caiu da ponte.*

*A segunda morte foi de um jovem Galibi esfaqueado por sua mulher não índia que estava drogada, disseram que ela era namorada dele e que foi o ciúme que provocou a morte. Acredite quem quiser.*

*A terceira morte recente foi de um jovem que estava passeando em Oiapoque. Dois policiais militares abordaram ele e fizeram com que se ajoelhasse e virasse de costas. Rendido, atiraram covardemente nele, pelas costas. Ele morreu na hora e ninguém foi preso.*

*Esses exemplos recentes mostram que precisamos da justiça, que somos gente, que somos seres humanos e estamos sendo maltratados e mortos e a justiça não está fazendo nada. Pessoas indígenas continuam morrendo e ninguém faz nada.*

*Me pergunto sempre: se a terra já foi dividida e homologada, porque essa guerra não acaba? Porque eles querem acabar com os povos indígenas?*



*Então é preciso falar do que vemos todos os dias nas redes sociais: os indígenas morrendo a bala como se fossem animais de abate. Somos gente! Precisamos de ajuda porque estamos morrendo por causa de nossa terra.*

*Elson Forte Galiby*





## Referências

### Referências Documentais

Dona Elza. (*Galibi Marworno*). Comunicação pessoal concedida a Ramiro Esdras na aldeia São José dos Galibis / Oiapoque/AP, em julho de 2017.

Koko Tavi [Manoel Firmino] (*Galibi Marworno*). História dos Galibi Marworno do Rio Uaçá: no passado de ontem – no presente de hoje. Oiapoque-AP: Brochura não publicada. Manuscrito não datado.

### Referências Bibliográficas

BATISTA, Ramiro Esdras Carneiro; MIRANDA, Daniel da Silva. 2024. (Re) Pensando a história da Amazônia guianense por meio de documentos nativos: as alianças e os aliados na II Guerra Mundial pela perspectiva Galibi Marworno. *Monções: Revista de Relações Internacionais da UFGD*, v. 13, n. 26, p. 11-35, 2024. Disponível em: <https://ojs.ufgd.edu.br/moncoes/article/view/17915> Acesso em: 30 mar. 2025. doi:<http://dx.doi.org/10.5380/rt.v11i1.85830>.

BATISTA, Ramiro Esdras Carneiro. De Colonialismos e Memórias Sitiadas: história, antropofagia e tecnologia bélica nas guerras guianenses. 2023. 324 f. Tese (Doutorado) – Programa de Pós-Graduação em Antropologia, Universidade Federal do Pará, Belém, 2023.

BATISTA, Ramiro Esdras Carneiro; MIRANDA, Daniel da Silva; GOMES, Peti Mama. 2022. Memórias de Koko Tavi: apontamentos sobre saúde, colonização religiosa e sofrimento mental entre o povo galibi marworno. *Revista Relegens Thréskeia* 11(1): 14-31. Disponível em: <https://revistas.ufpr.br/relegens/article/view/85830> Acesso em: 17 set. 2022. doi:<http://dx.doi.org/10.5380/rt.v11i1.85830>.

BELTRÃO, Jane Felipe; BATISTA, Ramiro Esdras Carneiro. 2018. Sr. Uwet, a tutela e o indigenismo. *Espaço Ameríndio* 12(2): 10-26. Disponível em <https://seer.ufrgs.br/index.php/EspacoAmerindio/article/view/83325/53061> Acesso em 23 abr. 2022.

BELTRÃO, Jane Felipe; LOPES, Rhuan Carlos dos Santos. 2017. Alteridade e consciência histórica: a história indígena em seus próprios termos. In BELTRÃO, Jane Felipe; LACERDA, Paula Mendes (Orgs.). *Amazônias em tempos contemporâneos: entre diversidades e adversidades*. Rio de Janeiro: Mórula, p. 16-24.

CHARTIER, Roger. 2010. Escutar os mortos com os olhos. In *Revista Estudos Avançados*, v. 24, n. 69, p. 6-30.



FANON, Frantz. 2020. *Alienação e Liberdade: escritos psiquiátricos*. São Paulo, UBU Editora.

\_\_\_\_\_. 2005. *Os Condenados da Terra*. Juiz de Fora: Ed. UFJF.

KHALFA, Jean. 2020. “Fanon, psiquiatra revolucionário” In FANON, Frantz. *Alienação e Liberdade: escritos psiquiátricos*. São Paulo, UBU Editora, p. 21-56.

PACHECO DE OLIVEIRA, João. 2016. *O nascimento do Brasil e outros ensaios: “pacificação”, regime tutelar e formação de alteridades*. Rio de Janeiro: Contracapa.

PRATT, Mary Louise. 1999. *Os olhos do império: relatos de viagem e transculturação*. Bauru, SP: EDUSC.

QUEVEDO, Francisco de. 1995. *Soneto desde la torre de Juan Abad* In *Poesía completa*. Madrid: Fundación José Antonio de Castro.

RONDON, Cândido Mariano da Silva. 2019. *Índios do Brasil: das cabeceiras do rio Xingu, rios Araguaia e Oiapoque*. Brasília: Senado Federal.

SANTOS, Eduardo Natalino dos. 2007. *Fontes históricas nativas da Mesoamérica e Andes. Conjuntos e problemas de entendimento e interpretação*. In *XXIV Simpósio Nacional de História—História e multidisciplinaridade: territórios e deslocamentos*. Disponível em: <https://periodicos.ufpe.br/revistas/cliarqueologica/article/view/246846/35793> Acesso em 12, jan. 2021

ZAGHETTO, Sônia. 2019. *Histórias de Oiapoque; com os arquivos e as memórias de Rocque Pennafort*. Brasília, Ed. Annabel Lee.

**MANUSCRITOS  
DE KOKO TAVI**

